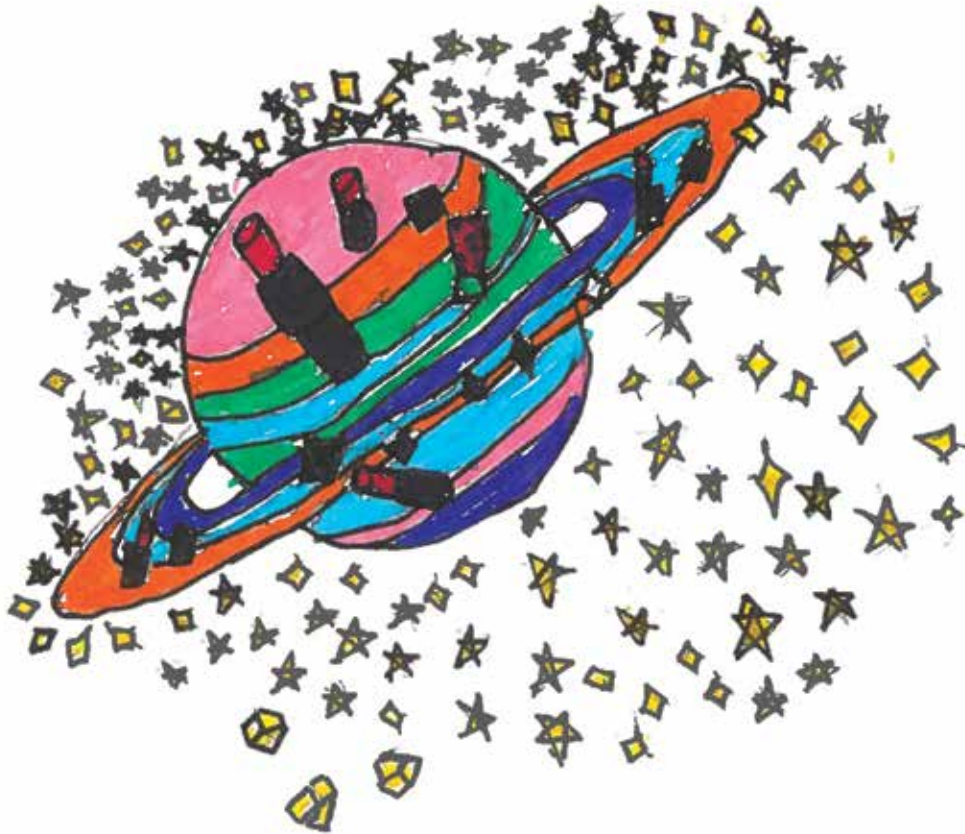


Navegar na escrita

2025



Ao longo do ano letivo 2024/2025 desafíamos alunos/as e professores/as a “Despertar o Espanto”. O espanto, esse instante em que o olhar se renova e o mundo volta a surpreender-nos, é, como nos recorda Tolentino de Mendonça (Prémio Pessoa 2023), mais do que um simples sobressalto: é um convite. Um convite a visitar o que julgávamos conhecer, a recuperar o fascínio pelas pequenas e grandes coisas que nos rodeiam, e a fazer as perguntas que mantêm viva a curiosidade humana: “E se? Porquê? Como?”

Foi com esse olhar curioso que os alunos e alunas embarcaram numa viagem pela escrita criativa, sob a orientação do escritor Ondjaki. Munidos apenas da imaginação e da vontade de experimentar, navegaram por mares de palavras e deram vida a personagens, a aventuras improváveis e a mundos que existem entre o sonho e a realidade. Cada texto é uma janela aberta sobre um universo particular, uma forma única de ver e interpretar o mundo.

As 81 histórias publicadas neste livro são, por isso, 81 formas diferentes de espanto. São também o testemunho de um exercício de liberdade. Liberdade de criar, de pensar, de questionar. Este projeto é, acima de tudo, uma celebração da imaginação e do poder transformador da palavra.

Felicitos todas as pessoas envolvidas, alunos e alunas, professores e professoras, pela dedicação, pela ousadia e pelos textos que agora partilham com os leitores. Que este livro não seja apenas uma coleção de histórias, mas um convite à descoberta, à escuta e à admiração.

Um agradecimento especial ao escritor Ondjaki, cuja presença inspiradora, entusiasmo e generosidade tornaram esta experiência mais rica. A sua forma de olhar o mundo, com ternura, humor e curiosidade, é um exemplo do que significa viver com o coração desperto para o espanto.

Que este livro seja, para quem o lê, um lembrete de que o espanto é o início de todas as grandes histórias.

João Gomes
Diretor Pedagógico

Espanta-te e escreve...

Ana Paula Ferreira, Carla Caldeira e Rita Simões
Professoras titulares do 4.º ano (2024/2025)

Este livro nasceu de um projeto de escrita criativa, desafio lançado pelo escritor Ondjaki às turmas do 4.º ano.

A turma 4.º A partiu das ideias abordadas na exploração da obra *Screen*.

No *atelier* de escrita criativa, alguns alunos e alunas optaram por desenvolver as ideias que tinham tido anteriormente, acrescentando as premissas abordadas pelo escritor, como algumas pseudopalavras de uso obrigatório. Outros/as afastaram-se da ideia original e criaram novas narrativas com novas interpretações.

As histórias foram lidas, reestruturadas e, às vezes, até reinventadas. Cada aluno/a ilustrou, finalmente, a sua própria produção.

Os alunos e as alunas da turma 4.º B embarcaram num tapete voador de palavras, inventaram mundos a partir de termos inéditos como “pensadentro” e deixaram as histórias suspensas no ar com a magia de um final que começava assim: “E, de repente”... Esta atividade permitiu explorar a imaginação, o prazer da escrita e o poder transformador das palavras, num encontro entre a criatividade dos alunos e a inspiração do autor.

Por sua vez, os alunos e as alunas da turma 4.º C descobriram que escrever é abrir janelas para o mundo e deixaram o espanto entrar.

O tema — *Despertar o espanto* — foi mais do que um ponto de partida, foi um convite a observar com atenção o que, muitas vezes, passa despercebido. O voo de um pássaro, uma recordação guardada na memória ou uma simples folha ao vento, tudo isto e muito mais ajudou a enriquecer cada uma das narrativas.

A turma observou as aves e as plantas existentes no Colégio e, dando asas à criatividade, escreveu cartas ao Sol. Nestas cartas, elementos da Natureza uniram-se para cumprir uma missão, trazer o Sol de volta à Terra.

Cada texto aqui reunido é uma história em que o espanto não é apenas uma emoção, mas uma forma de ver o mundo. Ler estas páginas é lembrar que a literatura vive da surpresa, da descoberta e da capacidade de sentir as pequenas coisas.

A presença e orientação de Ondjaki conferiram ao projeto uma dimensão especial, ao promoverem um espaço em que a palavra escrita ocupou um lugar de destaque e a criatividade pôde florescer de forma livre, autêntica e inspiradora.



Queridos colegas [alunos/as escritores/as],

Deixo-vos umas palavrinhas carinhosas.

Obrigado pelo nosso trabalho conjunto, pelo vosso tempo e pelo uso tão bom e saudável da vossa imaginação.

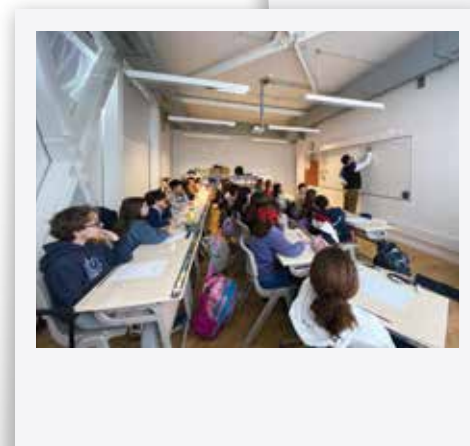
Espero que leiam e gostem de muitas estórias e desenhos.

Um dia vocês poderão dizer aos vossos filhos, sobrinhos e afilhados: "Eu publiquei uma estória quando tinha a tua idade!"

E, se eles duvidarem, vocês devem sorrir com ar vitorioso e mostrar o nosso livro.

Um livro é também um abraço de carinho.

Vosso amigo e colega,
Ondjaki



Turma 4.º A

(2024/2025)

Era uma vez, num certo lugar, uma certa cor que queria ser outra cor

– Como te chamas? Perguntou o Amarelo ao Castanho.

– Chamo-me Castanho. E tu?

– Eu sou o Amarelo.

Foram passear pela savana. E também a savana falava.

– Ó Castanho e Amarelo, o que vieram fazer aqui no meu “quintal”?

– Olá, Savana. Viemos brincar a trocar as cores. Responderam a gritar.

– Isso vai desorganizar o mundo. Há coisas que são amarelas e há coisas que são castanhas. Assim é o mundo.

– Mas o mundo – disse o Castanho – não pode ser um bocadinho ao contrário?

– E se eu fosse todo castanho? Perguntou o Amarelo.

– Ai que confusão! Já me sinto um grande pensatempo...

– Um pensatempo é como um pensamento? Ria o Castanho.

– Ou será como um pensatanto?

E nesse certa vez, nesse certo lugar, aconteceu que o Castanho virou amarelo, e o amarelo ficou todo castanho.

– Que lindo é o mundo! Agora é tudo um arco-íris. Isto é muito pensafora!

Foram de mãos dadas, o arco-íris, a savana, o novo amarelo e o novo castanho.

E assim termina a nossa história. Uau! Depois de a ler, fiquei muito pensaquente.

Ondjaki

Texto escrito durante a sessão com os/as alunos/as da turma 4.º A

A tablete de chocolate mágica

Alice Gonçalves

Há muitos anos, era uma vez uma tablete de chocolate mágica que se chamava Pensatempo. Essa tablete tinha três cores: o amarelo, que era o chocolate branco; o castanho-claro, que era o chocolate de leite; e o arco-íris, que é todos os sabores de chocolate.

Essa tablete tinha três tipos de chocolate e era muito mágica e grande.

Sempre que alguém lhe dava uma dentada, ela voltava a ficar inteira, até que um dia a comeram de uma só vez, e ela desapareceu.

E voltou depois.

Um menino chamado João, que era muito carinhoso, não deu nenhuma trinca na tablete e, por isso, a tablete falou com ele e disse:

— Podes comer-me, porque foste muito bondoso comigo.

— Obrigado, chocolate.



Saturno, cá vamos nós

Amélia Franco

Já ouviram falar de batons de todos os sabores e formas só encontrados em Saturno? Não? Então vou contar-vos a história.

No século XX não passava pela cabeça de ninguém ir até Saturno, mas uma menina queria viajar até lá. Ela tinha apenas dez anos quando lhe passou pela cabeça viajar até Saturno.

Ela pediu aos pais, mas claro que eles não deixaram.

— Pensadora! — disseram os pais em coro; era um código para uma explicação que significava que ela não podia fazer o que queria, onde queria e quando queria.

Peço imensa desculpa, o nome dela era Maily e vivia na Alemanha. Nasceu exatamente dez anos antes da Segunda Guerra Mundial: fazendo as contas, em 1929.

Como já perceberam, ela teve aquela ideia maluca (ou, pelo menos, era maluca naquele tempo) de ir até Saturno mesmo quando começou a Segunda Guerra Mundial.

Maily, a nossa guerreira, adorava desenhar, e quando tinha sete anos fez um desenho da bandeira da Alemanha, mas quando começou a guerra, ela riscou o seu desenho, por Hitler (governante que matava as pessoas) ter feito muito mal ao povo alemão e aos povos vizinhos.

A nossa guerreira destemida fugiu para Saturno.

— Como? — perguntam vocês.

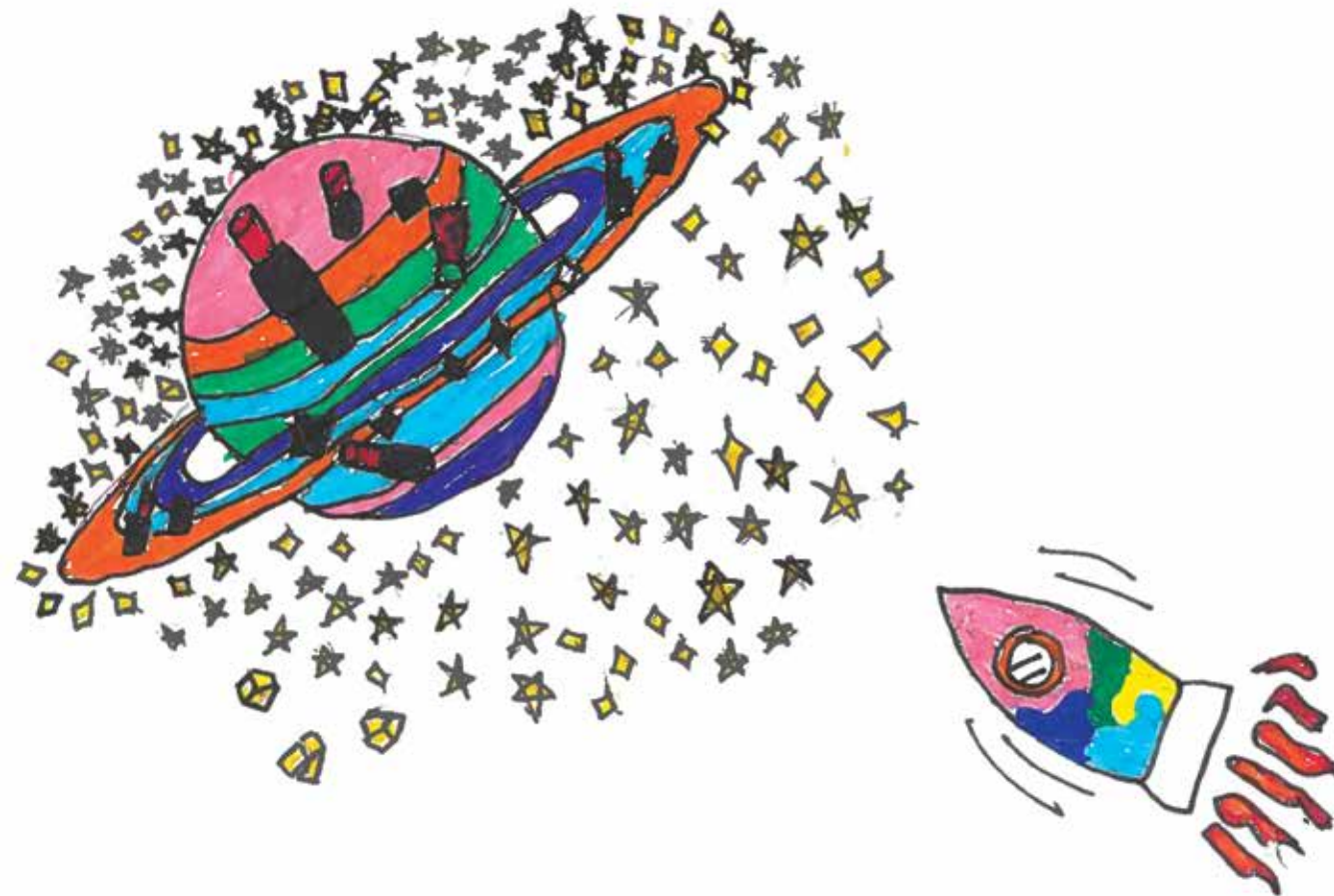
Maily foi até à NASA e apanhou boleia do primeiro astronauta a ir à Lua. E parou em Saturno. Lá, havia um arco-íris castanho, amarelo, laranja... umas quarenta cores num só arco-íris!

— Que maravilha! — exclamou Maily, muito feliz.

Saltou para os anéis de Saturno e gritou:

— Livre! Livre para sempre!

“Os meus pais devem ter morrido na porcaria dos campos de concentração”, pensou Maily. Entrou num dos anéis de Saturno e viu os tais “batons de todas as cores e formas” de que já tinha ouvido falar. Experimentou todos, percebeu que Saturno era o planeta mais bonito do mundo, e viveu feliz para sempre.



A transformação da Star Luxy

Andy Hu Pan

Era uma vez uma menina chamada Luxy. Ela vivia numa cidade chamada Star Park. Ela acreditava que um dia ia conseguir ser uma estrela brilhante. A coisa que ela mais gostava de fazer era brincar com a sua melhor amiga, a Vix. A Luxy um dia disse à Vix:

– Vamos à montanha Star Park? Muitas pessoas dizem que há uma estrela brilhante de quatro pontas!

A Vix respondeu:

– Mas é que...

– Não há “mas”, vamos logo, *yeah!*

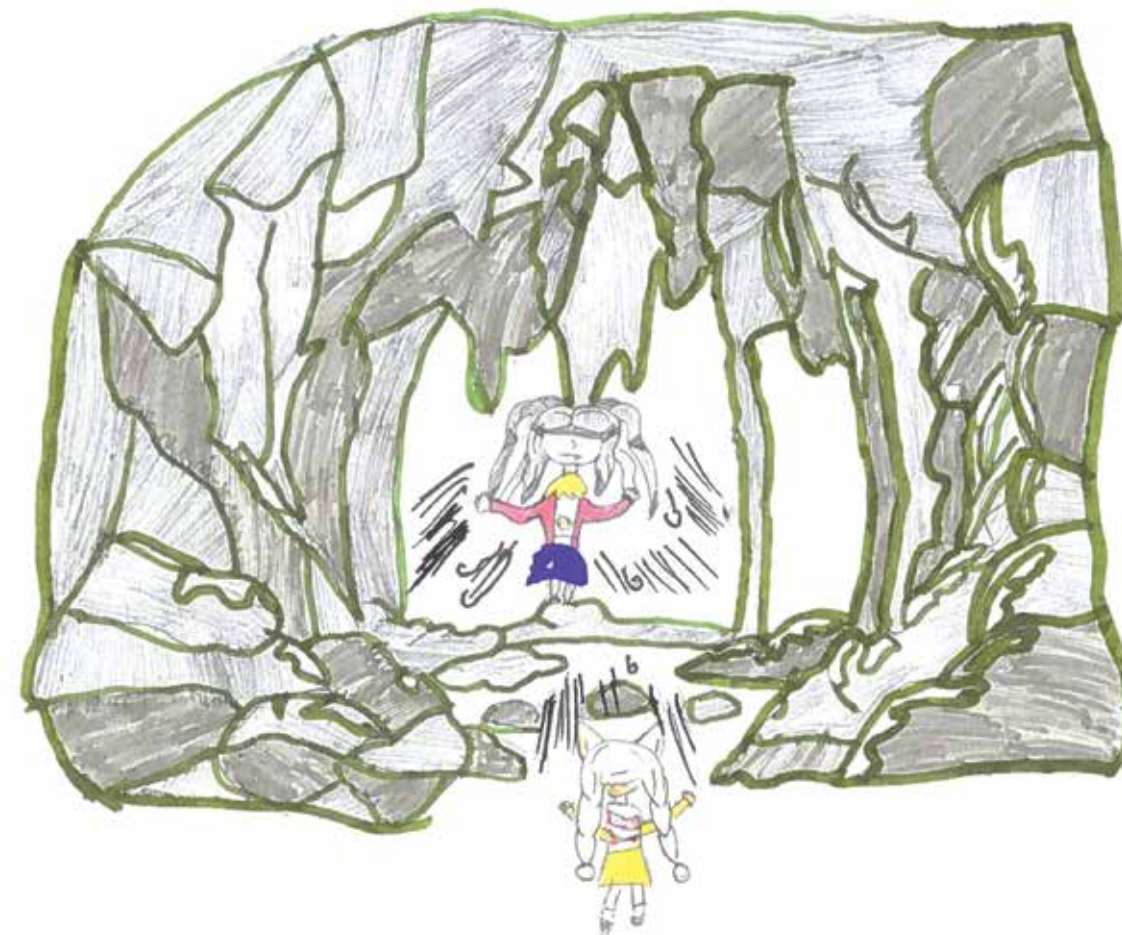
– Calma, Luxy, vou vomitar!

Depois de meia hora, finalmente, chegaram. A Vix perguntou:

– Luxy, onde está aquela estrela?

– Não sei, mas vamos procurar. Vix, olha, é a luz daquela estrela!

Passada mais meia hora, encontraram a estrela, e era um arco-íris. A Luxy tocou-lhe e transformou-se em Star Luxy, e o seu sonho transformou-se em realidade, e a Luxy e a Vix conseguiram ver o pôr do sol.



O gnomo do arco-íris

Benedita Pinto

Num reino distante, só existiam gnomos com poderes mágicos. Só havia flores, folhas e gnomos amarelos, rosa e verdes. O chão era castanho com pintas azuis. Mas, certo dia, nasceu um gnomo rosa-choque sem nenhum poder. O bebé teria de subir mil escadas de humanos. Então, a mãe e o pai decidiram fingir que o bebé tinha superforça.

— Mãe, porque é que não posso sair de casa? — perguntou o gnomo, quando tinha dois meses de vida

— Não podes sair de casa porque não tens poderes mágicos — respondeu a mãe.

O gnomo bebé pensou: “quando for mais velho, vou subir as mil escadas dos humanos.”

Dois anos depois...

Um dia, decidiu subir as mil escadas dos humanos. Ia fazer força para conseguir subir as escadas. E, de repente, apareceu um arco-íris debaixo dele.

— Ah! Afinal o meu poder mágico é criar um arco-íris. É por isso que sou fluorescente, a cor das nuvens do meu arco-íris. — disse para si próprio o gnomo.

Quando chegou a casa, contou à mãe e ao pai o que tinha acontecido. Ficaram todos contentes. E festejaram todo o dia com o arco-íris e o gnomo. E, agora, existem arcos-íris porque o gnomo Pensagora está feliz, e quando está feliz sai um arco-íris das suas mãos pequenas e fofinhas.



O barco miserável

Eduardo Castro

Há muito tempo, um rapaz chamado José vivia com a sua mãe, com o seu pai e com a sua irmã.

O José tinha o sonho de um dia ser marinheiro e visitar muitas terras e ilhas. Mas não tinha dinheiro para comprar um barco.

Um dia, o José ia a passear à beira-mar quando um barco castanho e amarelo lhe apareceu à frente.

— Que estranho — disse o José.

Foi chamar a família para saber o que é que achavam sobre o que acontecera.

Quando todos estavam a olhar para o barco, cada um foi dando a sua opinião.

— Nós achamos que devias aproveitar esta oportunidade — disseram os pais.

— Não sei... Isto dá que pensar. Acho que é melhor não arriscares — disse a irmã.

Mas o José não lhe deu ouvidos e foi mar adentro. Ia a meio da viagem quando ouviu uma voz a dizer:

— Não devias ter vindo.

No momento a seguir, o chão do barco partiu-se e ele afogou-se.

A última coisa que o José viu foi um arco-íris ao pôr do sol.



O hipopótamo não sabe nadar

Francisco Farrópas

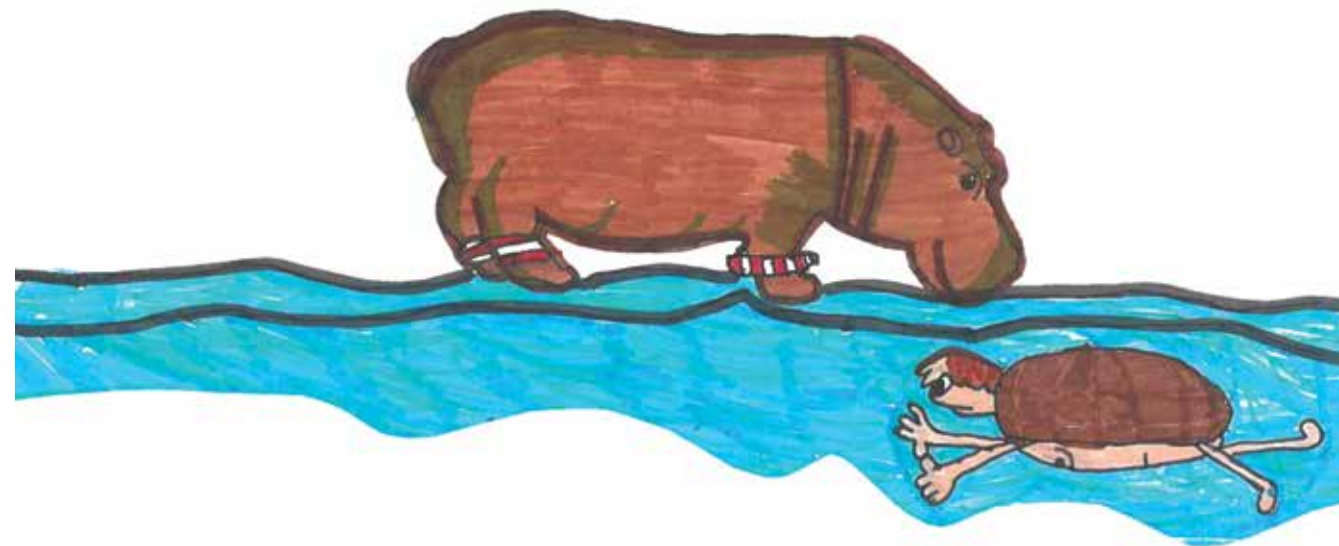
Foi num dia de janeiro. Nasceu um hipopótamo e a mãe chamou-lhe Pensafora. Ele tinha medo da água. O Pensafora, a primeira palavra que disse foi “arco-íris”.

Vinte anos depois:

“Finalmente, já tenho 20 anos”, pensou o Pensafora. “Vou encontrar alguém que me possa ensinar a nadar.”

Depois foi para um lugar com água, mas não conseguiu nadar. Um velho homem, com uma carapaça castanha, ensinou-o. Então, ele conseguiu nadar e a sua pele mudou para a cor amarela.

E depois viveu e nadou feliz para sempre.



A menina que gostava da chuva

João Vieira

Numa tarde de sexta-feira, estava tudo calmo no Colégio Moderno até começar a chover. Todos ficaram muito chateados por causa da chuva, menos a Beatriz do 4.º A, que até parecia estar contente.

— Porque é que tu estás contente? — perguntou a Francisca à sua melhor amiga.

— Porque eu gosto muito da chuva — respondeu a amiga, que, adivinhando logo a pergunta seguinte, acrescentou — Tu já pensaste na seca no nosso país e no aquecimento global? Se não houver chuva, isso vai continuar.

— Por acaso tu tens razão, Beatriz — disse-lhe a Francisca.

Nessa altura, entrou na sala a Camila, outra amiga delas, que disse:

— Afinal tu tens mesmo razão, Beatriz. Adoro ver o arco-íris a brilhar no céu!

— E quando a chuva não para, eu digo que é um pensatempo! — exclamou a Beatriz.

E, nessa altura, elas viram primeiro um castanho e depois um amarelo radioso no céu. Era o arco-íris! A Camila não queria acreditar. De todas as vezes que tinha visto o arco-íris, esta era a melhor!



As três madeiras

José Medeiros

Era uma vez três árvores e três madeiras.

A primeira tinha um tom de amarelo brilhante, magnífico, no tronco. O fruto dela era a pensavinha e sabia a tudo em que pensávamos! Podia saber a tangerina, marmelo, toranja e até a morangos! Mas, por ser tão linda, as frutas demoravam a crescer. A segunda tinha um tom castanho-claro. Não tinha nada de especial e era parecida com um embondeiro. Tinha um tronco grosso e a seiva dela era venenosa. O fruto eram cerejas roxas. A terceira tinha um tronco preto e esta era desprezada por todos. O fruto dela era uma laranja preta, não se sabia porquê; mas como a árvore era feia, ninguém nunca tinha provado.

Um dia, uma menina chamada Gertrudes passou pelas árvores e provou o fruto da primeira. Como ela estava a pensar em tangerinas, a fruta que a árvore deu tinha o sabor de uma tangerina. Gertrudes pensou:

“Que árvore sem graça! Percebo o que faz mas, sinceramente, é uma tangerina como todas as outras!”

De seguida, Gertrudes provou o fruto da segunda. Sabia a... Magia! Gertrudes não conseguia descrever o sabor do fruto. Era doce, amargo, azedo, salgado...

Gertrudes pensou:

“Nham! Nham! Que fruto bom! A árvore é um bocadinho feia... Mas o fruto... É belíssimo!”

Era... Era... MARAVILHOSO!

Gertrudes pensou:

“Que fruto bom! Tenho de reportar isto à Junta de Freguesia.”

Quando reportou, o presidente da Junta de Freguesia, com receio e agonia, provou o fruto:

– Nham! Nham! Que delícia!

– Eu disse, não foi?



O leão voador

José Ferreira

Um dia, o leão quis voar, mas lembrou-se de que não tinha asas para voar.

— Será que sou adotado? — Não, não queria pensar nisso. — Vou perguntar à chita se me pode ensinar a voar.

Depois de um tempo, o leão encontrou uma chita e foi perguntar-lhe se o podia ensinar a voar.

— Chita, podes ensinar-me a voar?

— Eu não voo, animal selvagem! Quem voa são os gorilas!

Depois de *muiiiiii*to tempo, o leão encontrou um gorila.

— Gorila, po... — o leão levou uma chapada.

— Porque fizeste isso, arrogante?!

— CALA-TE!

— Eu queria saber se me podias ajudar a voar!

— Estás a gozar comigo, não é, pensa-quente?

— Porquê?

— PORQUE EU NÃO VOO, INTELIGENTE! Quem voa são os falcões. Mas voam muito rápido.

— Quero lá saber, eu caço-os...

Depois de *muuuuuuuu*to tempo, já cansado, encontrou um e comeu-o. E algumas horas depois, sentiu-se voador.

— Eu posso voaaaaar! Espera, arco-íris castanho e amarelo, eu posso voaaaaar!



O lápis mágico

Lourenço Rodrigues

Numa manhã fria, um menino chamado Afonso estava a andar numa floresta com umas árvores com troncos muito castanhos.

O Afonso viu um botão amarelo numa das árvores e clicou nesse botão. Depois, viu uma porta e ela abriu-se, e viu umas escadas. Ele subiu essas escadas. Quando chegou ao topo, viu anões, e os anões deram ao Afonso um lápis amarelo e disseram:

— Afonso, este é um lápis mágico, veio de um arco-íris.

O Afonso não acreditou.

— Não existem coisas mágicas — disse ele.

Mas pegou no lápis mágico e começou a desenhar coisas como dinossauros, e no dia seguinte houve dinossauros.

O Afonso achava que era perigoso, então, entregou-o aos anões. Depois, os anões chamaram-lhe Pensavento. Ele não sabia o que era, então, foi-se embora.



Os dois amigos

Lourenço Garcia

Há muito tempo, numa savana na Alemanha, viviam um coelho e um leão. Eles eram muito amigos e foram fazer uma viagem à savana do Este. O leão estava a falar das suas memórias com o coelho. O leão falou de uma memória muito importante e o coelho disse:

– Leão, não me lembro disso.

O leão ficou muito pensante e fizeram uma paragem para descansar. Havia duas camas, o leão ficou com as duas camas e foi muito ganancioso. No dia seguinte, eles estavam a relaxar e logo viram um arco íris com muitas cores, por exemplo, castanho e amarelo. Eles, na viagem, tiveram de fazer a sua última paragem.

No dia seguinte, chegaram à última paragem esfo-meados. O coelho foi a correr para a comida, e o leão demorou mais tempo. O coelho disse:

– Vem comer, leão.

– Porque é que tu foste amigável comigo?

– Porque os amigos são amigáveis uns com os outros.

Eles continuaram a viagem alegremente e pediram desculpas um ao outro.



Um prédio para ratos

Luís Mendes

Ao lado de um contentor, havia um grande prédio para ratos.

Existem pessoas que dizem que era castanho, outras que dizem que era amarelo, mas só os ratos dizem que era arco-íris.

Neste prédio havia 10 andares e 40 ratos (cada família era composta por um pai, uma mãe e dois filhos).

— Baltazar! Vem cá ajudar a tua mãe e larga o Fortnite.

— Mãe, parece que estás enervada.

— Oh, filho — disse a mãe —, estou um pouco pensagora.

— Mãe, e que tal irmos dar um passeio, a ver se ficas calma?

— Mas que boa ideia! Adoro ver aquele elevador castanho.

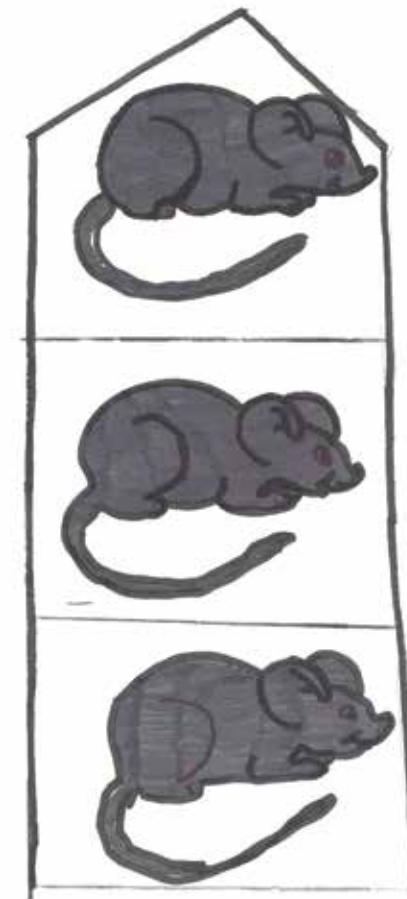
— E eu, ver do lado de fora o prédio arco-íris.

Eles decidiram ir ao contentor do lixo (era o seu supermercado).

Quando chegaram, compraram tudo o que tinham de comprar, e a mãe já não estava pensagora.

— Obrigado, meu filhinho.

— De nada, mãe. Se estiveres mais vezes enervada, avisa-me.



A árvore colorida

Madalena Zeller

Certo dia de manhã, numa savana muito quente, havia várias árvores, umas castanhas, outras verdes, mas havia uma que era especial.

A árvore chamava-se Arco-íris, tinha sido ela a escolher o próprio nome. As cores favoritas dela eram amarelo, vermelho e arco-íris!

Um dia, com a cabeça quase a explodir, mais ou menos com a cabeça pensante, não conseguia pensar noutra coisa: como ela adorava o arco-íris, pensou que se pintasse o seu tronco de arco-íris, iria parecer-se com ele.

Então pôs mãos à obra. Primeiro, foi à galeria de arte do Sr. Barriga e disse-lhe:

— Sr. Barriga, tem alguma tinta que possa usar para pintar o meu tronco?

— Desculpa, mas já dei todas as minhas tintas, e agora só chegam na próxima semana — disse o senhor.

Então a árvore foi até ao hospital e perguntou à médica:

— Desculpe, tem alguma tinta que pinte o meu tronco?

— Não tenho aqui nenhuma tinta, mas podes ir ao café, pode ser que tenham lá alguma pasta.

Então ela foi ao café ver se havia lá alguma coisa.

— Olá, boa tarde, por acaso tem alguma pasta com que eu possa pintar o meu tronco?

— Eu não tenho uma pasta feita, mas juntas podemos criar uma — disse a senhora.

Então fizeram juntas uma tinta arco-íris com todos os doces do mundo. E aquela árvore passou a chamar-se árvore colorida e muito linda.



O candeeiro que fala

Margarida Ribeiro

Era uma vez um candeeiro que não tinha amigos. E perguntou a uma cama se queria ser amiga dele. Ela nem lhe respondeu e foi-se embora.

O candeeiro perguntou a uma borboleta o mesmo, e ela disse:

— Sim, quero ser tua amiga e tenho uma coisa para te dar. É uma cadeira amarela muito gira.

— Obrigado, Borboleta.

— De nada, Candeeiro. Vamos encontrar outro amigo.

— Queres ser nossa amiga?

— Sim, quero, e eu sou uma flor.

— Tenho uma camisola castanha para ti, Flor.

— Obrigada — respondeu a Flor.

— Vamos fazer uma festa no Arco-Íris. Vai ser

divertido — disse o Candeeiro. — Pensatanto, o que vamos fazer na festa?

— Vamos ter um bolo, balões, música... — respondeu a Borboleta.

No dia seguinte, o Candeeiro disse que estava a preparar a festa. E finalmente:

— Já é noite, vamos para a festa no Arco-Íris! Vai ser muito divertido!

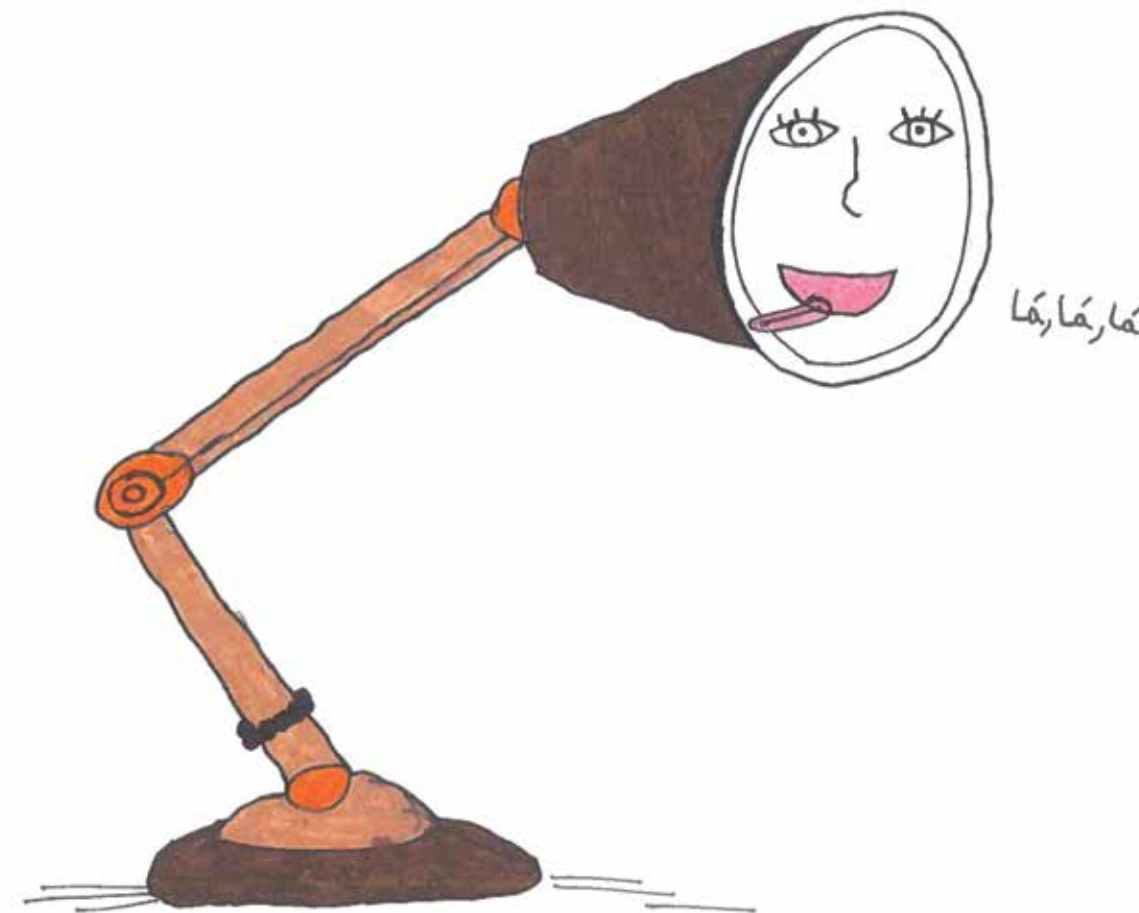
— És o melhor amigo de todos! — gritaram a Flor e a Borboleta. — Vamos divertir-nos!

Lá, lá, lá, lá...

— Candeeiro, podes fazer uma festa para mim nos meus anos? — perguntou a Flor.

— Sim, claro.

E viveram felizes para sempre.



A bandolete mágica

Maria Figueiredo

Era uma vez uma menina que tinha uma bandolete que mudava de cor. Num certo dia, a menina tirou a bandolete e descobriu que ela tinha mudado de cor para castanho e amarelo. A bandolete falou com ela e disse:

– Não aguento mais, deixa-me sair deste sítio!

A menina rapidamente chamou os seus pais para saberem o que se tinha passado. Quando os pais chegaram ao quarto da menina, a bandolete não falou e fingiu-se de morta.

No dia seguinte, a bandolete ficou arco-íris e falou outra vez com a menina:

– Não percebes, deixa-me sair daqui!

A bandolete estava irritada. A menina rasgou a bandolete, que finalmente conseguiu sair e disse:

– Pensatempo!



A história do Arco-íris

Maria Marques

O Arco-íris tinha um belo amigo, um tapete. Chamava-se Pensapente.

— Olá, Pensapente. — disse o Arco-íris.

— Olá, Arco-íris. — disse o tapete.

— Estás a ver a Arábia? — perguntou o tapete.

O tapete amarelo e castanho ficou a olhar para o Arco-íris.

— Porque estás a olhar para mim? — perguntou o Arco-íris.

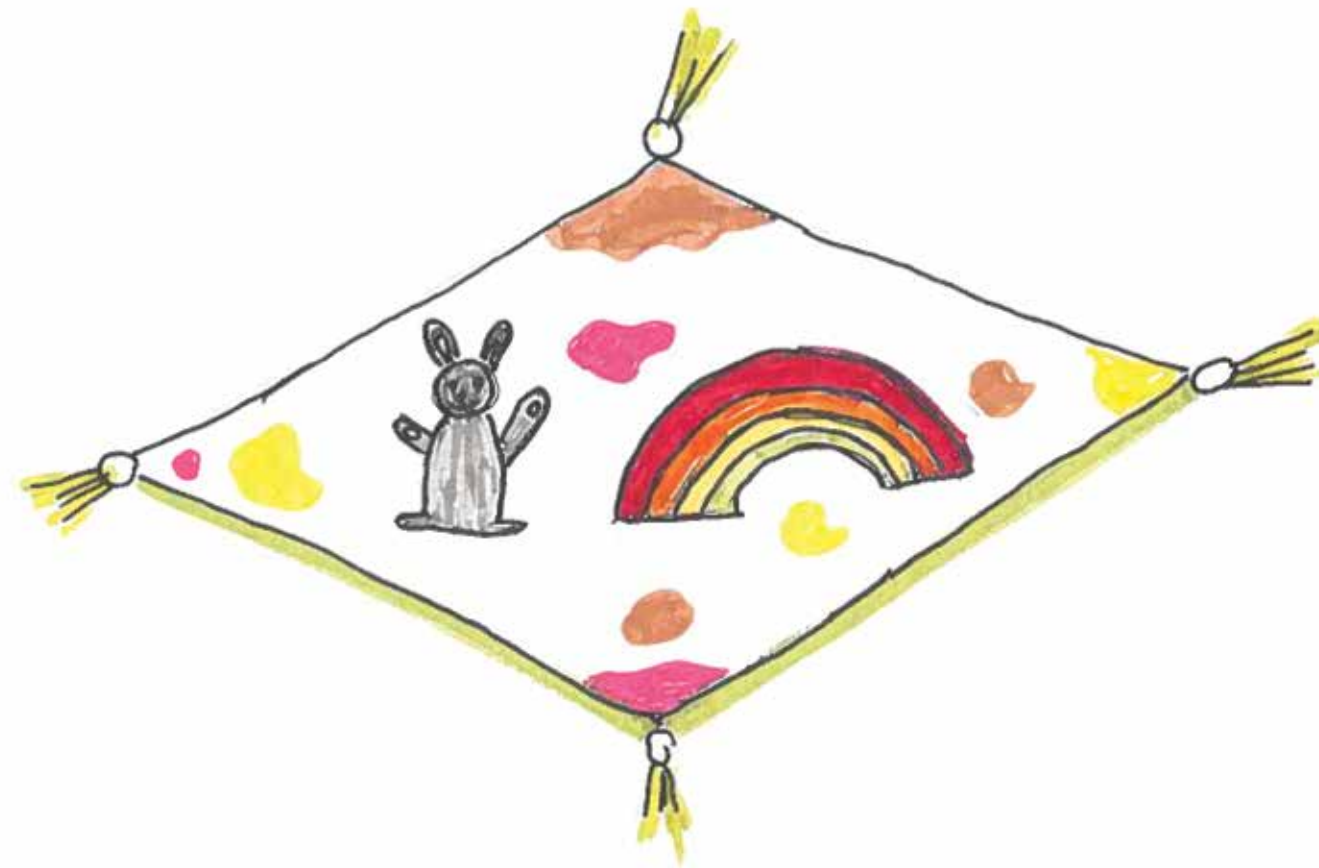
— Porque não tenho nada para fazer. — disse o tapete.

O tapete e o Arco-íris ficaram a olhar para o ar.

— Pronto, como eu estava a dizer, na Arábia há um problema. O coelho Pompom está em sarilhos, temos de ir lá.

Depois de ajudarem o coelho Pompom, voltaram para o seu planeta, o planeta Rafael. Depois de resolverem um *puzzle*, ficaram a rir de uma piada do tapete.

E assim ficaram o resto da noite.



Sou Alemanha

Maria Dias

Olá! O meu nome é Alemanha! Tenho várias cores: não tenho castanho, mas tenho amarelo, não tenho rosa, mas tenho preto, e não tenho azul, mas tenho vermelho. Sabes, A história da Alemanha não foi feita com unicórnios e arco-íris. Foi com ação, tristeza e guerra. Nasci na Europa, um dos melhores continentes.

A minha capital é Berlim, uma cidade que tu deves conhecer pelo nome, mas não pelo que se passou por lá. Gostava tanto de poder ir ao passado com uma máquina pensatempo.

Espera, eu ainda não te falei da máquina pensatempo, pois não? Bem... a máquina pensatempo é quase... é quase uma máquina do tempo, mas tens de pensar para onde queres ir e só dá para ir ao passado do teu país e alguns países vizinhos. Sim, eu sei, não dá para ver o futuro, mas eu explico-te porque não. É que tu não podes pensar no teu futuro, só o podes construir, como também não podes impedir que uma pessoa vá para o céu.

Vem comigo, que eu mostro-te como funciona a máquina. Deixa-me pensar... já sei! Vou levar-te até uma menina muito especial. Chama-se Anne Frank. Ela viveu numa época triste da Alemanha, a Segunda Guerra Mundial. Quando Adolf Hitler governou a Alemanha, horrivelmente, com gente triste e solitária, Anne Frank foi uma das meninas tristes e solitárias, e sofreu muito. Não te vou dar muitos detalhes (senão ainda ficas com pesadelos e a culpa é minha!): Anne Frank só ficou famosa porque escreveu um diário. Espera, daqui a pouco estou a chorar pelo que lhe aconteceu. Ai! Que triste!

Vou-te levar a outra época... 1961: uns anos antes, os Estados Unidos e a Rússia queriam a minha capital! Pois, era no meio da Europa! Então prepara-te, vou dizer-te o que fizeram... Eles fizeram um muro. Ainda bem que depois o tiraram. Cá na Alemanha, é preciso ter paciência! (Suspiro...) E é esta a minha história (tenho muito mais histórias, mas não cabe tudo aqui). Eu tenho várias cores: não tenho castanho, mas tenho amarelo, não tenho rosa, mas tenho preto, e não tenho azul, mas tenho vermelho. É esta a minha história!



A aventura do Bob e do Tim

Maria Bernardo

Viajava o tigre Bob em busca de aventuras. Já havia vivido tantas aventuras, que não as sabia contar todas!

– 1, 2, 3... – Contava o tigre.

Durante a sua aventura, encontrou uma ilha deserta. Mas, como já estava de noite, voltou para o seu covil. Ah! Mas já tinha aparecido o lobo irritante!

– Olá! Como estás, Bob? Estás bem? Embarcaste numa nova aventura? Como foi?

– Olá... lobo.

– Lobo, não! Eu sou o Tim!

– Olá, Tim...

– Então, não me vais responder às perguntas?

– Boa noite, Tim... – Disse o Bob, deitando-se na sua cama.

– Boa noite! Mas amanhã respondes-me a tudo!

Na manhã seguinte, o Bob saiu à pressa, para não ser apanhado pelo Tim. Mas o Tim já estava à espera dele e perseguiu-o.

– Vamos embarcar numa aventura! Vamos!

– Tu não vens comigo.

– Oh, vou, pois! Vou contigo!

– Só se conseguires descrever-me!

– Oh... Bem... Tu és... Amarelo! Isso, isso! Amarelo! E com riscas castanhas!

– Ok! Vens comigo, mas não fiques o tempo todo a falar!

O Tim não cumpriu, passou a viagem toda a falar. E a pensar para fora.

– Pensa para dentro!

– Não! Eu sou um pensafora!

– Oh pá...

Eles passaram por desertos, praias, iglus... O que mais posso dizer? Ah! Eles viram uma casa a arder! Mas não conseguiram ajudar. Então, foram-se embora. Foram até àquela ilha deserta. Encontraram uma cabana, então pensaram passar as férias lá! Mas não, não passaram as férias lá (seria engraçado, se fosse verdade).



– Olha o arco-íris! – Gritou o Tim.

– Sim, que fixe...

Passado algum tempo a explorar a ilha, encontraram um tesouro e... Ah! Já me esquecia de dizer: a floresta estava na miséria! Então eles levaram preciosidades para a floresta, e a floresta ficou rica! Rica de frutos (comprados em terras diferentes), rica de... coisas! Preciosidades.

A tablete de chocolate que afinal era um quadro

Maria Lemos

Uma vez, estava a andar num museu quando olhei para um quadro. Era um quadro que eu nunca tinha visto. Tinha dois tons de castanho e um amarelo mais claro.

— Acho que isto não é um quadro e sim uma tablete de chocolate. — disse eu.

Depois de um bocado de tempo apareceu uma guia e eu perguntei-lhe:

— Desculpe, mas isto é uma tablete de chocolate presa numa tela?

E ela respondeu.

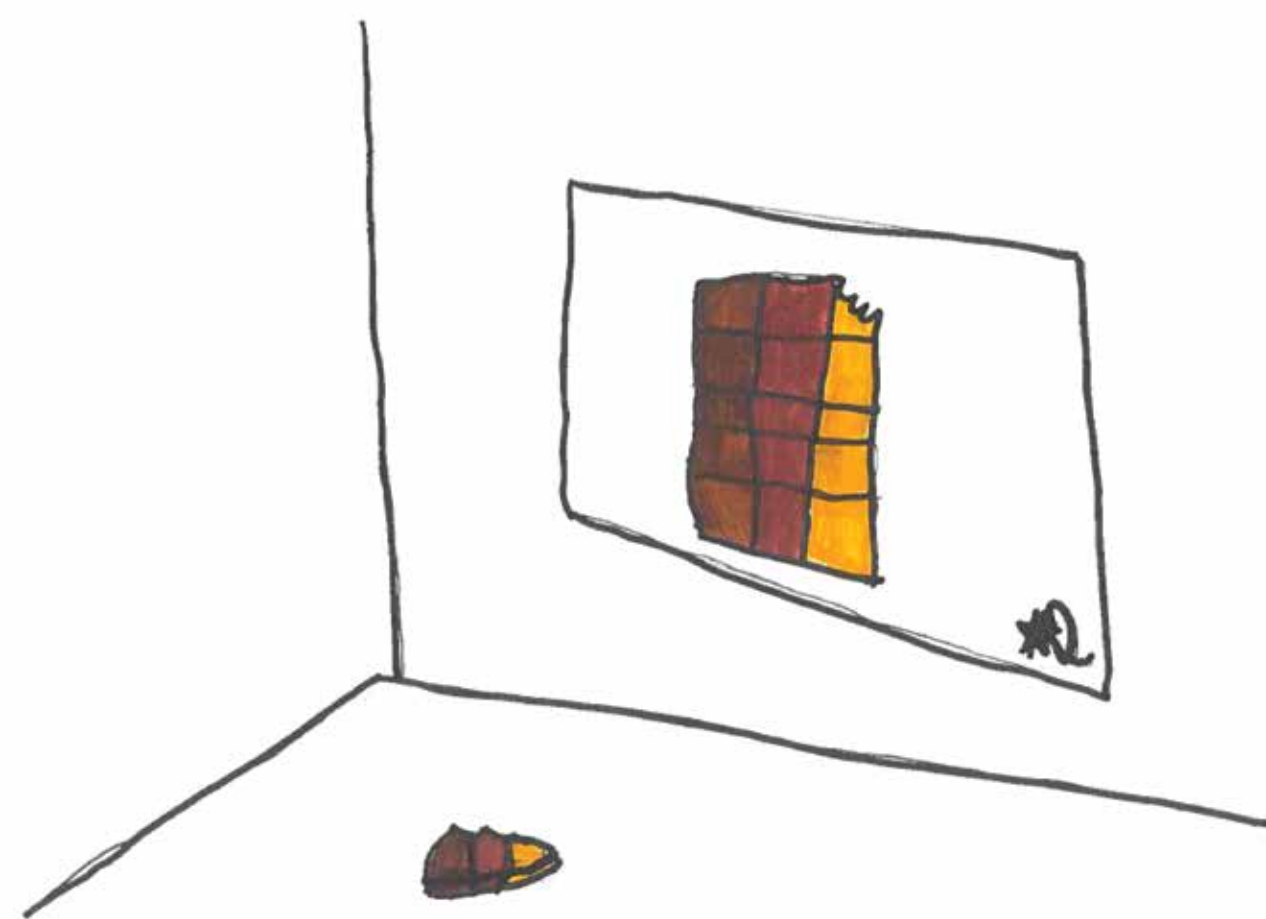
— Não, isto é mesmo uma pintura.

— Ah! Ok. — respondi eu, desconfiada.

Eu estava tão desconfiada, que decidi morder o quadro e depois percebi que a guia tinha razão. Fui ao pé da guia e disse:

— É... É verdade, isto não é uma tablete. — disse eu. Não queria dizer nada à guia para ela não desconfiar.

Fui-me embora, não queria ser apanhada. Já na rua, vi um arco-íris lindíssimo! E pensei: eu, no museu, devia estar pensafora.



O dia que mudou tudo

Mariana Lemos

Numa manhã de calor, em que o sol batia fortemente, Isabel, uma menina com apenas dez anos, acordou a pensar que iria ser o melhor dia da sua vida. Vestiu um lindo vestido amarelo. E como o seu cabelo era castanho, calçou umas lindas sandálias castanhas. Ela ficou deslumbrante!

Quando chegou à cozinha para tomar o pequeno-almoço, viu a sua mãe a discutir com o seu pai. A sua mãe estava mesmo pensante! Com um bocadinho de raiva, perguntou:

– Mas vocês já estão a discutir? Logo de manhã?

– Diz isso ao teu pai! – Gritou a sua mãe, cheia de fúria.

– A mim? Mas tu é que começaste a dizer que a louça está suja, sendo que eu a acabei de limpar! – Respondeu o seu pai.

– Mas vocês nunca param de discutir? Até discutem sobre as cores do arco-íris! – Disse a Isabel.

A Isabel já estava farta dos seus pais. Num ato de fúria, saiu de casa para a floresta.

Quando chegou, sentou-se perto de uma árvore e começou a chorar, até que viu uma cadela e foi ter com ela.

– Como te chamas? – Perguntou a Isabel.

– Chamo-me Stephanie. E estou triste porque fui abandonada.

– Espera, eu não tenho irmãos nem irmãs. Queres vir comigo e ser minha amiga? Assim não vamos ficar sozinhas! E vamos fazer companhia uma à outra! – Disse a Isabel, sorrindo.

– Boa ideia, aceito! – Respondeu a Stephanie.

E, assim, as duas foram para casa da Isabel.

– Ai, filha, estás bem? E quem é essa? – Perguntou a mãe dela.

– Sim, mãe! Esta é a Stephanie, a minha nova cadela!

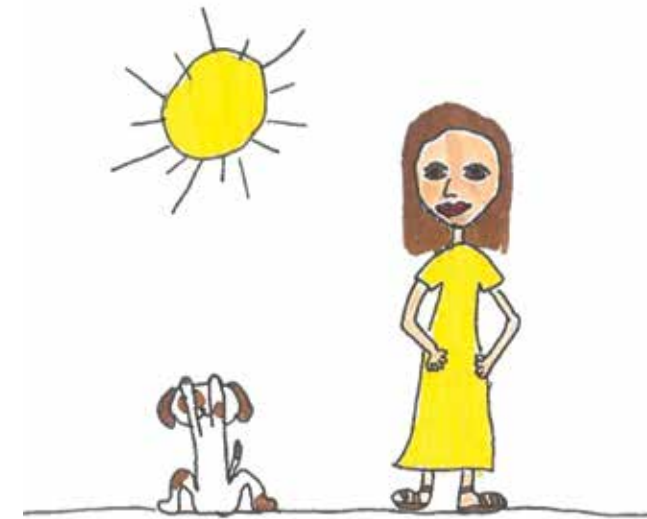
– Podes ficar com ela. E eu e o teu pai prometemos que não voltamos a discutir! – afirmou ela.

– Finalmente! Já estava farta das vossas discussões! Já agora, o que é o jantar?

– Só tu para estragar este momento! O jantar é bife com massa e para a Stephanie é ração.

– Está bem, vou brincar com a Stephanie!

A partir desse dia, tudo passou a ser diferente. E melhor para todos!



O porco alemão que queria voar

Miguel Leal

Certo dia, um porco que era muito triste estava a olhar para o céu, e avistou uma gaivota a voar. Ficou fascinado. A partir daquele dia, quis aprender a voar. Então, começou a trabalhar numa superasa de gaivota.

Só que havia um grande problema: ele precisava de asas de pássaros, mas de um tipo muito raro de asas arco-íris. No dia seguinte, fez uma gaiola para capturar pássaros.

Depois de conseguir as penas, conseguiu terminar as suas superasas de gaivota. Foi para a maior montanha do mundo e pôs as suas asas, olhou para o pôr do sol amarelo e castanho, atirou-se e sorriu pela primeira vez! As asas funcionaram.

Foi tão divertido, que tentou de novo. Estava tão pensaquente, que nem se lembrou dos perigos, ao tentar de novo.

O Pim Pim escalou até chegar ao cume, e reparou que as suas penas estavam a cair, mas não se importou, de tão pensaquente que estava. Chegou ao topo da montanha, e disse:

– 3... 2... 1... aqui vou eu.

As asas não funcionaram e ele caiu.

Caiu num ramo. Com a tecnologia das suas asas, ligou para o Centui Porcos, que assim foram até ao lugar. Quando chegaram, não acreditavam que o porco tinha voado. O porco, na verdade, só queria mostrar que tinha sido o primeiro porco voador. Com a sua asa, cortou o ramo e morreu feliz.



A cadeira falante

Miguel Domingos

Sabias que, há muito tempo, as cadeiras falavam? Sim, as cadeiras falavam e muito, mas havia uma que tinha um nome, um nome fantástico, era a Pensatempo, a que pensa no tempo.

Ela era uma cadeira que só pensava o tempo, que horas eram, o que tinha acontecido no passado... Era muito teimosa, sempre que errava dizia que estava certa e nunca aceitava o seu erro. Era castanha como uma árvore, e também era amarela, parecida com o Sol ao nascer. Um dia, saiu da sua casa e, quando saiu, encontrou um lindo arco-íris, mas, mais importante, uma árvore, e abraçou-a. Só que a árvore caiu em cima dela! Por sorte, uma outra cadeira, chamada Ferusita, viu tudo e, como era muito forte, conseguiu levantar a árvore, e a Pensatempo voltou para casa.



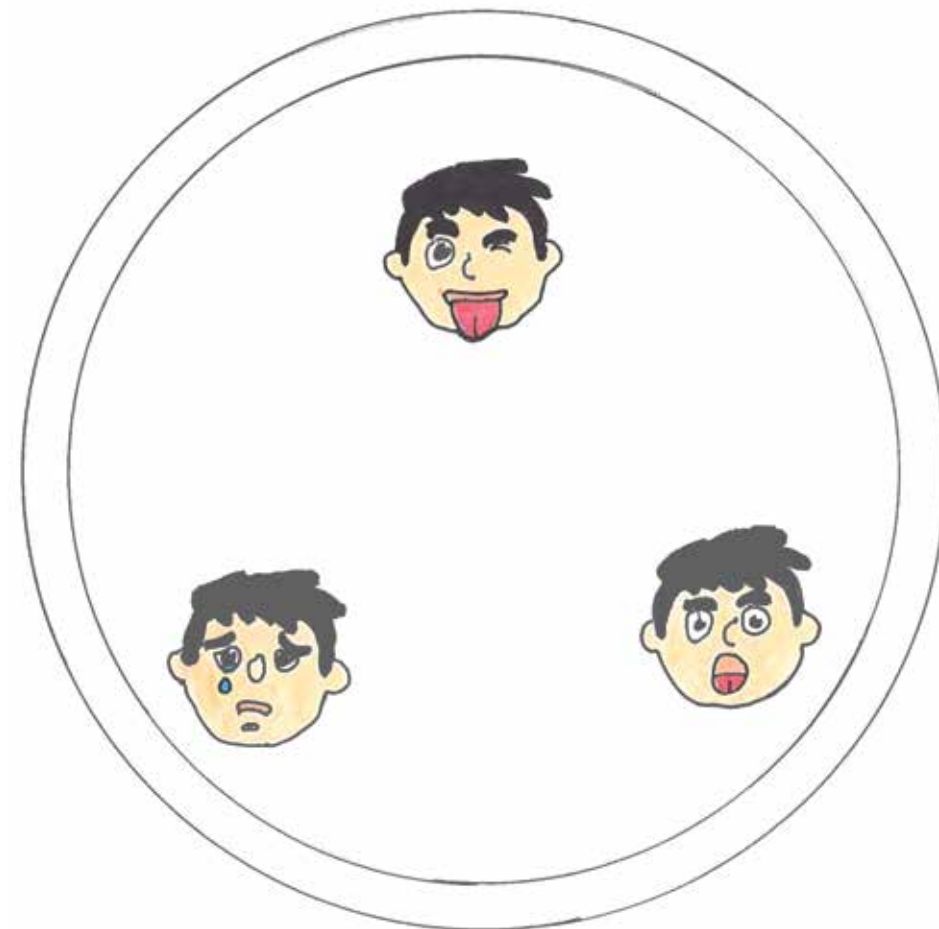
As emoções

Miguel Paixão

Estava a ver o quadro de Robert Adaw até o quadro me parecer uma coisa. Depois de ter este pensaforte, disse à minha professora:

— Para mim, o amarelo parece a alegria; o vermelho, a raiva ou a tristeza; e o castanho ou preto parecem-me o medo.

Um arco-íris não me pareceu, porque não consegui encontrar o formato. E eu ainda estava na dúvida. Qual escolho? Raiva ou tristeza? Castanho ou preto? Escolhi a tristeza e o preto.



A história de Anne Frank

Rafael Domingos

Era uma vez, na Holanda, uma menina chamada Anne Frank. Ela adorava escrever no seu diário. Um dia, uns homens de farda verde-tropa, um chapéu preto e vários crachás, um dos quais era amarelo e significava “serviço ao Hitler”, entraram na casa de Anne Frank.

Agarraram-na e à sua família e prenderam-nos. Quando chegaram à prisão, os guardas atiraram-nos para o chão. Anne Frank ficou com o rosto castanho, de toda a terra que havia! As condições de vida eram horríveis!

Todos os outros judeus fizeram, então, uma revolução danada. Eles disseram:

— Pensafora! — e isto significava que iam ignorar o que os alemães lhes dissessem.

E assim, do meio do nada, surgiu um arco-íris. Todos ficaram espantados: Hitler tinha morrido com a revolução! Anne Frank ficou emocionada e disse:

— lupi! lupi! lupi! Estou livre!



Cancralinhas

Simone Rodrigues

Era uma vez uma galinha que tinha um sonho: o seu sonho era conseguir voar.

Os pais dela já tinham morrido, por isso ela vivia com os tios. Estava, certamente, contrariada com a ideia de viver com os tios. Ela gostava do seu amigo Ivo. Apesar de ele não sonhar em grande, era um bom rapaz.

— Ivo, não digas a ninguém que eu vou até à casa da dona Lurdes.

— Porquê?

— Ela, bem... Faz umas bolachinhas tão boas! Se tu quiseres, podes vir comigo — disse a galinha, com um ar sensível e estranho.

— Está muito frio, vai ter com os teus tios! — ordenou ele, com os lábios roxos e a tremer.

— Se tu achas que na capoeira está mais quente do que nas casas dos humanos, estás muito enganado.

“A galinha é uma pensatanto”, pensou o Ivo.

No dia seguinte, a galinha não dormiu à noite porque o Ivo lhe disse que ela era um animal que sonhava demais. E, com isso, ela disse-lhe que ele, um dia, iria arrepender-se.

Uns meses mais tarde, ele ficou doente, com cancralinhas. Para quem não sabe, cancralinhas é um cancro de galinhas.

— Eu tenho tanta pena dele — disse ela, em voz alta, na sua cama, quase a chorar.

Ele ficou castanho e amarelo, parecia uma pera. Esse é o efeito da doença.

“Depois de ele sair do internamento hospitalar, eu percebi que, na verdade, o meu maior sonho era que ele ficasse bem, e ficou”, pensou ela.

Quando, finalmente, foram para casa juntos, o Ivo, que tinha ficado com cancralinhas, disse que não fazia mal ela ser uma sonhadora e que ia defendê-la sempre que ela precisasse.

Ela ficou tão feliz, que viu um arco-íris gigante no céu. Depois disse:

— Na verdade, eu queria namorar com o galo que vive com a senhora Lurdes, mas mudei de ideias.

Ela olhou para o Ivo e sorriu.



O gigante voador

Vasco Dias

Era uma vez um gigante que tinha uma cabeça maior do que sei lá o quê. E ele tinha um ombro amarelo e o outro era castanho. Certo dia, o gigante olhou para o arco-íris e disse:

– Eu vou voar! Eu vou voar! Pensaquente!

– Podes falar mais baixo? Eu estou a tentar dormir
– disse um manto misterioso.

– Quem és tu?

– Eu sou o manto sagrado. Não me conheces, então não és daqui.

– Pois não, não sou, eu só vim cá passar o fim de semana e amanhã vou embora.

– É pena ires embora já amanhã.

– Olha, eu tenho um sonho de criança: voar. Podes ensinar-me?

O manto ensinou-o a voar.

– Estou a voar! Obrigado, era o meu sonho de criança!

E os dois abraçaram-se.

No final, apareceu um quadro amarelo, laranja e preto para os levar para bem longe.



O lápis e a cobra

Vicente Santos

Numa certa noite, um lápis chamado Xavier saiu de um estojo.

– Eh pá, que vontade de desenhar!

O lápis, que era tão pensavento, começou a fazer rabiscos numa folha.

Quando terminou decidiu pendurá-la no seu quarto, mas quando olhou melhor, percebeu que o que ele tinha feito parecia arte abstrata. O quadro tinha imensas cores, como o vermelho, amarelo, rosa, castanho...

A sua amiga cobra, que também estava excitada, foi ter à casa do lápis.

– Olá, minha amiga cobra! O que te traz aqui a estas horas? – perguntou o lápis.

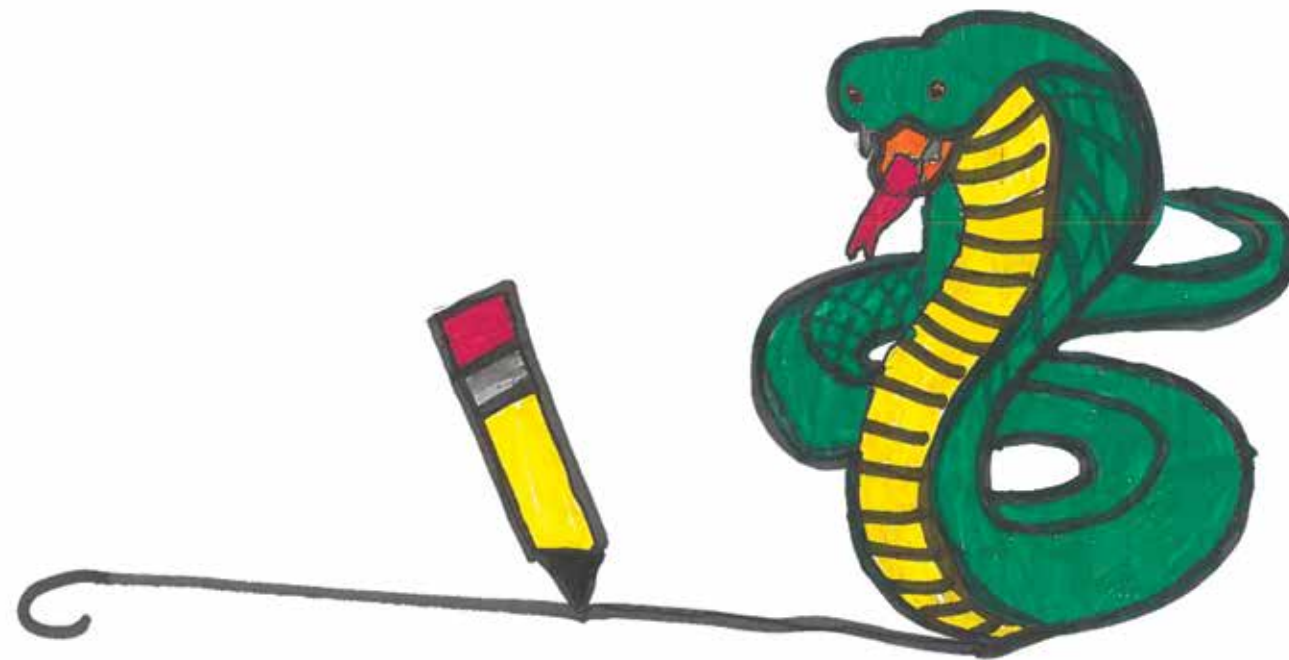
– Estou excitada, então vim visitar-te.

– Chegaste na hora certa. Diz-me tu o que achas deste desenho.

– Não sei, parecem rabiscos.

O lápis então desenhou um arco-íris.

E a cobra refletiu-o com as suas escamas reluzentes.



Turma 4.º B

(2024/2025)

Uma vez acordei, e não estava na minha cama. E nem estava no meu quarto. Olhei ao redor. E só vi nuvens e pássaros perto de mim.

– Quem és tu? – perguntou-me uma nuvem.

– Eu sou eu. E tu?

– Eu também sou eu. Sou uma nuvem. E tu?

– Sou uma pessoa.

Eu estava no céu. Perto... ao lado das nuvens e sentado sobre...

– O que é isso que tens debaixo de ti? – perguntou a nuvem.

– Acho que é um tapete – respondi.

E era. Um lindo tapete com cores que não paravam de dançar.

“Será o arco-íris disfarçado de tapete?”, pensei enquanto apalpava o tecido do meu tapete voador.

De repente, ouvi uma voz muito linda:

– Eu tenho nome!

– Quem será que falou? De quem era a voz?

A nuvem estava calada. E eu também.

– O meu nome... Queres saber? – o tapete falou e sorriu.

E, de repente, acordei. E pensei. E pensei mais ainda. Pensei tanto, tanto, que até senti um “pensadentro”.

Mas... Qual seria o nome do meu tapete voador?

Ondjaki

Texto escrito durante a sessão com os/as alunos/as da turma 4.º B

O sonho

Carolina Medina

A Joana estava a ver televisão no sofá, à noite. Estava tão cansada, que adormeceu. O sonho da Joana foi com um tapete que viu na casa da amiga Gabriela. Ela estava a pensar nas imagens do tapete e na história do tapete.

Tudo começou há muito tempo, com uma menina muito humilde cujo pai tinha morrido num acidente de carro. A menina ficou sozinha com a sua mãe, que era muito rica, pois ficou com o dinheiro do marido.

A mãe dizia à menina:

– Querida, tens de ir comigo às compras para comprar brinquedos, pois tens poucos!

Ela dizia sempre que não queria nada, pois era humilde e lá na escola gozavam com ela, porque ela não tinha brinquedos, e porque tinha um amigo que era um tapete voador.

Um dia entrou uma menina nova, que também estava a ser gozada, porque era angolana. Os meninos não gostavam de pessoas de outras nacionalidades que não a portuguesa. A menina angolana chamava-se Tassiana. A outra menina, que também era gozada, chamava-se Rute. Ela foi proteger a Tassiana, e depois convidou-a para ir brincar com ela. Passaram a brincar sempre juntas.

Infelizmente, a mãe da Rute, que era rica, não gostava dos pais da Tassiana, portanto elas eram amigas em segredo. Uns anos mais tarde, elas estavam a viajar de país em país no tapete voador que falava, as duas juntas a distribuir dinheiro aos pobres. A partir daí, mais ninguém gozou com elas. O tapete voador era o melhor amigo delas e transportava-as para todo o lado.

E, de repente, a Joana acordou.

Quando a Joana acordou, sentiu no coração uma alegria diferente. Percebeu que, mesmo nos sonhos, as melhores aventuras são aquelas que nos ensinam a ser melhores pessoas.

Pensou consigo: “Se todos pudéssemos voar num tapete mágico da amizade e do respeito, o mundo seria um lugar muito mais feliz.”

A partir desse dia, a Joana decidiu que ia tratar todos com mais carinho, sem julgamentos, porque entendeu que a verdadeira magia está em aceitar e valorizar cada pessoa como ela é.



Mas que estranho!

Catarina Gomes

Certo dia, acordei numa casa na árvore que eu nunca tinha visto antes. “Mas que estranho!”, pensei. “Ainda ontem estava no meu prédio... como é que vim parar aqui?”

Curiosa, fui até à cozinha procurar algo para comer. Para meu espanto, lá estava um tapete... a dançar! “Devo estar a ter um pensadentro muito forte,” pensei. Afinal, tapetes não dançam, certo?

De repente, o tapete parou a sua dança e falou comigo:

— Bom dia! Como estás? — perguntou, com uma voz alegre.

Fiquei sem palavras, apenas olhei para ele, incrédula. Ele continuou a dançar pelo chão como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Depois de comer, fui vestir-me. Quando abri a porta, ouvi o tapete dizer:

— Para onde vais?

— Espera aí, tu falas?! — perguntei, surpreendida.

— Hoje estás mesmo estranha — disse ele, meio irritado. — Então, conta lá, para onde vais?

— Vou para a minha casa, na cidade.

Ao responder, saí e deixei o tapete sozinho. Ele ficou a pensar: “A Beatriz não está nada bem... algo estranho está a acontecer.”

No caminho, comecei a sentir um vento suave que parecia sussurrar segredos. Olhei para trás e, para minha surpresa, o tapete voador apareceu ao meu lado, a flutuar no ar.

— Precisas de companhia? — perguntou, com um sorriso.

Sem hesitar, subi para o tapete e ele levantou voo. A cidade era diferente vista lá do alto, com luzes coloridas que piscavam como estrelas.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Para um lugar onde podes descobrir o que está a acontecer contigo — respondeu o tapete.

Voámos até uma floresta mágica, cheia de árvores que brilhavam e animais que falavam. Lá, encontrei uma gata chamada Moli, que me sorriu e disse:

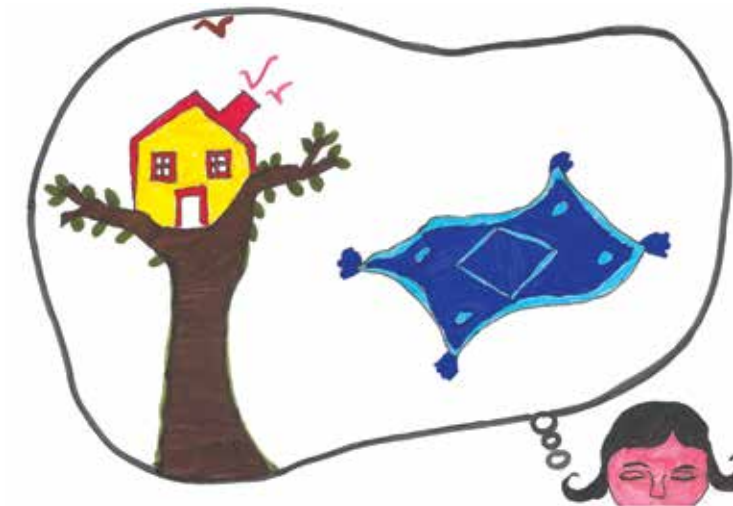
— Bem-vinda ao Mundo dos Pensadentros. Aqui, os pensamentos ganham vida!

Percebi então que aquele lugar era o mundo onde os meus sonhos e pensamentos mais secretos podiam acontecer. E, para voltar a casa, teria de aprender a controlar o meu pensadentro.

Juntos, o tapete, a Moli e eu começámos uma aventura para descobrir como é que eu podia controlar os meus pensamentos mágicos. Cada passo era um desafio, mas eu sentia que, aos poucos, estava a ficar mais forte e a entender o poder do meu próprio mundo interior.

E assim, naquela noite estranha, percebi que às vezes o estranho pode ser mágico — só temos de saber olhar com atenção.

E, de repente, acordei...



O tapete que começou a voar

Catarina Carneiro

Certo dia, eu estava sentada na minha cama, sem saber muito bem com o que brincar. Então, decidi perguntar ao meu pai:

— Pai, eu não sei o que fazer... tens alguma ideia?

— Olha, Catarina, agora não posso, preciso de ir estender a roupa. Vai perguntar à mãe — respondeu ele, apressado.

Fui até à cozinha, mas a minha mãe estava ocupada e nem sequer teve tempo para me responder. Voltei para o meu quarto um pouco desapontada e sentei-me no meu tapete. Foi então que algo incrível aconteceu: o tapete começou a mexer-se sozinho. Primeiro tremelhou, depois levantou-se suavemente e, de repente, saiu pela janela, que estava aberta, começando a voar para bem alto, entre as nuvens.

Enquanto eu me segurava com muita força, olhei para baixo e vi que estávamos a aproximar-nos de uma ilha misteriosa. Aterrámos suavemente numa praia

rodeada por árvores coloridas e flores que brilhavam como estrelas.

De repente, ouvi uma voz doce a cantar:

— Llllá! Llllá! Llllá! — chamava alguém.

Olhei ao redor e uma criatura apareceu: uma lagarta enorme, roxa, cor-de-rosa e azul, com uns olhos grandes e brilhantes.

— Quem és tu? — perguntei, curiosa.

— Olááá! Eu sou a Dora — respondeu ela, sorrindo.

— Bem-vinda à Ilha dos Pensamentos!

Olhei para o tapete e perguntei-lhe:

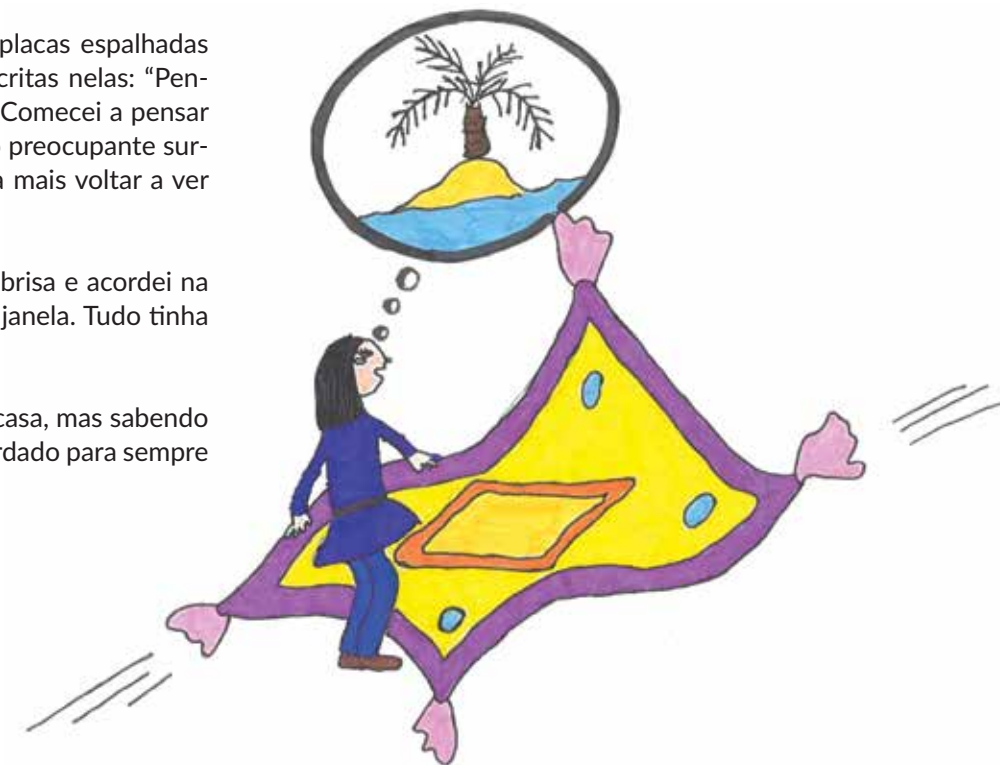
— E tu, tapete, falas?

— Sim, claro! Aqui, falamos todos — respondeu ele, com um sorriso simpático.

Olhei à minha volta e vi muitas placas espalhadas pela ilha, com palavras estranhas escritas nelas: “Pensadentro”, “Pensavento”, “Pensatia”... Comecei a pensar em tudo aquilo, mas um pensamento preocupante surgiu na minha cabeça: “E se eu nunca mais voltar a ver os meus pais?”

Nesse momento, senti uma leve brisa e acordei na minha cama, com o sol a entrar pela janela. Tudo tinha sido um sonho!

Sorri, aliviada, feliz por estar em casa, mas sabendo que aquele sonho mágico ia ficar guardado para sempre no meu pensadentro.



O tapete mágico

Francisca Carvalho

Era uma manhã qualquer quando o Artur se levantou e reparou que o irmão, Duarte, não estava no quarto. Curioso, foi procurá-lo pela casa. Quando entrou na cozinha, viu o Duarte e, de repente, este saltou-lhe em cima.

– Buuuuu! – gritou o Duarte, a rir bem alto.

– Ai, que susto! Estás bem? – perguntou o Artur, um pouco zangado.

Os dois começaram a brincar e a bater um no outro, quando de repente ouviram alguém bater à porta.

O Artur correu para abrir.

– Quem é? – perguntou o Duarte.

Mas ninguém respondeu. O Duarte abriu a porta, mas do lado de fora não havia ninguém, só uma misteriosa caixa no chão.

– O quê? Vamos levar para dentro para ver o que é – disse o Duarte.

– Está bem! – concordou o Artur.

Tentaram abrir a caixa, mas estava muito bem fechada. Foram buscar uma tesoura para ajudar.

– Vou tentar cortar – disse o Duarte.

– Isso! Boa! Conseguiste! – exclamou o Artur, animado.

Dentro da caixa, encontraram um tapete voador, azul, roxo e rosa, que brilhava com a luz.

– Vamos experimentar voar nele! Será que funciona? – perguntou o Duarte.

– Claro! Vamos! – respondeu o Artur.

Os dois subiram para o tapete e, num instante, começaram a voar.

– Ai, meu Deus! Estamos a voar! – disse o Artur, entusiasmado.

– Eu sei disso! – respondeu o Duarte, bem divertido.

– E agora, como é que paramos? – perguntou o Artur, preocupado.

– Não faço ideia – respondeu o Duarte.

O Artur fechou os olhos, concentrando-se num pensadentro. “Será que consigo controlar o tapete se fizer gestos como se estivesse a conduzir um carro?”

Começou a movimentar as mãos no ar, a imitar um volante.

– O que é que estás a fazer, Artur? – perguntou o Duarte.

– Não te preocupes, estou a tentar controlar o tapete mágico! – disse o Artur.

O tapete respondeu aos seus movimentos e eles começaram a deslizar pelo céu estrelado.

Perto deles, muitas estrelas e planetas brilhavam, deixando-os maravilhados.

– Uau! Que lindo! – exclamou o Duarte.

– Queres ir ver as nuvens de perto? – perguntou o Artur.

Quando estavam prestes a voar mais alto, acordaram, cada um no seu quarto, com o coração cheio de alegria.

O que teria sido aquilo? Um sonho? Ou uma aventura real num tapete mágico?



Um sonho

Francisca Henriques

Hoje tive um sonho estranho. Querem que vos conte? Vou imaginar que sim...

Estava a dormir profundamente, quando de repente ouvi uma voz a chamar por mim. Fiquei toda arrepiada, mas lá ganhei coragem e perguntei:

- Quem está aí? O que é que estás a fazer?
- Não sei muito bem – respondeu a voz.
- Mandaram-me vir buscar-te, e eu vim.
- E... quem és tu? – perguntei.
- Chamo-me Ilda. E tu?
- Sou a Francisca – disse eu, ainda desconfiada.

Sem perceber bem como, entrei num portal brilhante e fui parar ao... mundo da Magia! Tudo à minha volta era incrível: árvores que dançavam, livros que falavam,

nuvens com sabor a algodão doce, e animais com óculos de sol!

A Ilda apontou para um tapete encostado a uma parede.

- Entra aqui!
- Nisto? É só um tapete...
- Claro que não – disse ela, com um sorriso maroto. – É um tapete voador.

Subi para o tapete e ele levantou voo! Sobrevoámos lagos cor-de-rosa, castelos flutuantes e até um dragão a fazer yoga. Durante toda a viagem, ficámos em silêncio, só a ouvir o som do vento.

– Chegámos – disse a Ilda, de repente.

Aterrámos no mundo da lava. Um sítio escuro, com pedras incandescentes e rios de fogo. Foi aí que apareceu o monstro da lava, um gigante feito de pedra quente e chamas.

– Finalmente, trouxeste-a! – gritou ele. – Já estava à espera há semanas! O que se passou?

– É que... bem... houve um pequeno atraso – gaguejou a Ilda.

– Bah! Chega de desculpas!

Eu fiquei ali, imóvel, a tremer. E no meu pensamento, pensei: “Mas o que é que ele quer de mim? Vai prender-me? Vai lançar-me ao fogo? Vai transformar-me num grelhador humano?!”

- Então, como te chamas? – perguntou o monstro.
- F-Francisca...
- Tenho andado a observar-te. Ultimamente tens feito umas traquinices, não é?
- Eu? – perguntei, com voz de anjo.

– Sim. Por isso vais ser castigada. Mas nada de grave! Vais só... comer vinte olhos de gelatina flamejante!

Fiquei paralisada. Vinte olhos?! E FLAMEJANTES?! Pensei: “Isto é que é «nada de grave»?!”

No momento em que o primeiro olho tremelicava no meu prato e eu me preparava para dar uma dentada...

Acordei! Estava no meu quarto. A salvo. Olhei à volta, suspirei de alívio... e fui ver se o tapete aos pés da minha cama ainda estava quieto.



Um sonho

Isabel Moniz

Era uma bela manhã, mas eu não estava contente. Na verdade, seria um dos piores dias de que me lembrava: o meu tio partia numa viagem muito longa. Era o seu dever, eu sabia, mas doía na mesma. Fui até ao porto para me despedir. Subi as escadas na esperança de conseguir vê-lo mais uma vez... mas só o vi a entrar no barco.

No regresso a casa, a minha avó passou por mim e disse, com um sorriso enigmático:

– Alice, lembra-te: aconteça o que acontecer, pensa sempre pensadentro!

Eu não percebi o que ela queria dizer com aquilo, mas respondi com educação:

– Claro, avó. Claro...

Já estava a escurecer quando subi para o meu quarto. Mas, ao tropeçar num alçapão escondido, caí numa espécie de cave secreta. Nunca tinha reparado

que havia ali uma entrada! Olhei em volta à procura de uma saída, mas a única coisa que encontrei foi... um tapete velho e empoeirado.

Perdi a esperança. Como é que ia sair dali com um simples tapete? Sentei-me sobre ele e comecei a chorar. Foi então que ouvi uma vozinha:

– Porque choras?

Olhei em redor, assustada.

– Está aí alguém? – perguntei.

– Sim... estás a sentar-te em cima de mim. – respondeu a voz.

– És... tu? O tapete? – perguntei, a tremer.

– Sou eu. E não gosto muito que se sentem na minha cara – disse, com uma risada divertida.

De repente, comecei a sentir-me leve... e quando olhei para baixo, estava a voar!

Era incrível! Nunca tinha tido uma sensação assim.

– Podes tirar-me daqui? Por favor? – pedi.

– Posso, sim... mas o que me vai acontecer depois? Vais deixar-me sozinho outra vez?

Eu pensei e logo respondi:

– Eu posso... posso dar-te ao meu tio! Ele ia adorarte! Assim, nunca estaria sozinho... Nem tu.

O tapete pensou por um segundo.

– Está bem. Mas promete. Promete que vais pensar com o coração. Promete que vais pensar pensadentro.

– Prometo! – disse, com um sorriso.

O tapete levou-me dali para fora, pelo céu da noite, e por breves instantes tudo parecia perfeito.

E de repente... acordei.

Terá sido apenas um sonho? Ou um recado mágico vindo do fundo do meu coração?



O meu sonho

José Canaveira

Certa noite, eu estava a sonhar e parecia que estava numa aldeia mágica, onde toda a gente tinha poderes. Fiquei lá uns dias e descobri que tinha um poder especial: o poder de inventar palavras! As primeiras que criei foram “pensadentro”, “pensavento” e “pensatia”. Pareciam palavras súper especiais!

Passados uns dias, decidi trocar o meu poder com outro morador, porque não tinha amigos com quem partilhar as palavras mágicas. O meu novo poder? O poder da amizade!

O meu primeiro amigo foi o Ondjaki, que me fez uma proposta:

— Queres comprar um tapete voador? — perguntou ele, com um sorriso misterioso.

— Pode ser! — respondi. — Mas quanto custa essa maravilha?

— Três blips — disse ele, como se fosse o melhor preço do mundo.

— Espera aí, Ondjaki... Estamos em que planeta, afinal?

— No planeta Magia — respondeu ele, como se fosse óbvio.

— Ah, bom. Porque eu sou do planeta Terra, e lá, tapetes voadores, só conseguimos ver nos desenhos animados.

Inventaram jogos divertidos, semelhantes ao pião e à memória, mas parecia que todos preferiam o pião. Perguntei se podia jogar também, e claro que me deixaram.

— Uau, como é que lanças o pião assim tão bem? — perguntou um deles, boquiaberto.

— O meu avô ensinou-me — respondi com orgulho.

Fui a umas competições e, para minha surpresa, na primeira, fiquei em terceiro lugar. Na segunda e na terceira? Em primeiro! Acho que estava a ficar famoso no planeta Magia... Mas, quando estava a pensar em fazer um vídeo para o mundo inteiro, acordei!



Será que eu vou sonhar outra vez?

Júlia Afonso

Numa manhã qualquer, estava no meu quarto a estudar para os testes quando ouvi uma voz suave a chamar por mim. Era o meu Pensadentro — aquilo que está para lá do pensamento.

Curiosa, comecei a conversar com ele.

— Olá! Bem-vinda ao Pensadentro! — disse ele. — Vou ajudar-te a voltar a sonhar e a ser mais criativa!

— A sério? Que bom! Tenho tido noites sem sonhos, só pesadelos — respondi, animada.

E assim começámos a nossa aventura.

— Lembras-te daquela vez em que sonhaste com um tapete voador? — perguntou o Pensadentro. — Que pena que não tenhas tido mais sonhos assim desde que entraste no 5.º ano. Será que é o nervosismo?

— Acho que sim — respondi, um pouco triste.

— Não te preocupes, vamos mudar isso! Agora vamos voltar no tempo para recuperares os teus sonhos.

Ele sorriu e, num instante, estávamos a viajar no tempo.

— Chegámos! — disse ele.

Mas o que encontrei não foi fácil de recordar. Lembrei-me do dia em que viajei num barco que afundou. Foi assustador, mas felizmente ninguém se magoou.

— Estás bem? — perguntou o Pensadentro, preocupado.

— Sim, estou — respondi, tentando acalmar-me.

— Agora prepara-te para voltar. — De repente, senti uma luz e... Pof!

— O que foi isto? — perguntei.

— Agora estás pronta! Já podes voltar a sonhar. — disse ele.

E, nesse instante, acordei.

— Júlia, é hora de estudar! — ouvi a minha mãe chamar da cozinha.

Sorri, feliz por saber que o meu Pensadentro estava sempre por perto, pronto para me levar a novas aventuras nos sonhos.



O sonho de Paz

Leonor Leitão

Todas as noites, antes de dormir, Paz gostava de imaginar mundos mágicos e aventuras incríveis. Numa noite especial, quando fechou os olhos, sentiu que algo diferente ia acontecer. O seu sonho começou a ganhar vida e, de repente, ela encontrou-se diante de um castelo misterioso, onde tudo parecia possível...

– Vou entrar! – pensou, cheia de coragem.

De repente, ouviu uma voz que a assustou:

– Ai, que medo!

– Olá, Paz – disse a voz, com suavidade.

– Quem está aí? – perguntou Paz, hesitante.

– Sou eu, o tapete mágico.

– Tu falas? – exclamou Paz, surpreendida.

– Sim, e voo!

– UAU! – respondeu ela, encantada.

De repente, um cãozinho chamado Caramelo apareceu ao longe, assustado:

– Socorro, ajudem-me! – choramingou.

– Ouviste isto? – perguntou o tapete.

– Sim! Temos de o ajudar – disse Paz. – Tens algum plano? – quis saber.

– Tenho um pensadentro, mas não sei se vai resultar – respondeu o tapete.

– Conta-me! – pediu Paz.

– Primeiro, temos de descobrir quem está a falar. Depois, entender o que aconteceu. Só então pôr o plano em ação.

Eles encontraram Caramelo, que estava a desaparecer na sala do castelo.

– O que está a acontecer contigo? – perguntou Paz.

– Não sei, sinto que estou a desaparecer! – respondeu o cão.

– Já sei! – exclamou o tapete. – Vamos usar sal, como nos filmes, para afastar o perigo!

– Boa ideia! – concordou Paz.

Juntos, espalharam sal pelo castelo e, aos poucos, Caramelo voltou a ganhar forma e força.

De repente, uma voz doce chamou:

– Paz, acorda!

Era a mãe. Paz abriu os olhos, sorrindo, e sentiu que, mesmo nos sonhos, a coragem e a amizade podem vencer qualquer medo.



Um sonho mágico

Leonor Ramalho

Era uma noite calma. As estrelas brilhavam suavemente no céu, e o silêncio da casa convidava ao descanso. Já deitada na minha cama, ouvi a voz da minha mãe:

– Dorme bem, filha. Amanhã tens escola!

– Até amanhã, mãe! – respondi com um bocejo.

Fiquei ali de olhos fechados, a pensar no dia que tinha passado. Foi divertido, mas também estranho... Uma amiga tinha-me dito que sonhar com mundos mágicos era coisa de “malucos”. Isso deixou-me triste. Eu não respondi, mas por dentro achei injusto. Afinal, sonhar era das melhores coisas do mundo. Aos poucos, deixei os pensamentos irem embora... e adormeci.

Quando abri os olhos, estava num lugar completamente diferente. Um céu cheio de cores pintava o ar, como se alguém tivesse desenhado o mundo com lápis de cera mágicos. Estava sozinha... ou pensava que estava.

– Olá! – disse uma voz ao pé de mim.

– Ahhhh! Que susto! Quem és tu? – perguntei, ainda assustada.

– Eu sou uma Voadora! – respondeu, sorridente.

– Sim... e essa coisa ao teu lado? – perguntei eu, a estranhar o que ela tinha consigo.

– É o meu tapete mágico! Sem ele, não consigo voar.

Eu não tinha palavras. Estava a tentar entender tudo aquilo.

– Onde estou?

– Estás no Mundo Mágico.

– Sim, isso eu percebi. Mas como se chama este lugar, realmente?

– Mundo Mágico, é esse o nome!

Fiquei sem saber se era brincadeira, mas decidi confiar. Tudo ali parecia mesmo feito de magia.

– Vamos então explorar este mundo! – sugeri.

– Qual é o teu nome? – perguntou a rapariga.

– Eu chamo-me Clara! E tu?

– Eu sou a Benedita! Queres dar uma volta no meu tapete?

Pensei um pouco, mas o coração respondeu por mim.

– Claro que sim!

Sentei-me no tapete e ele começou a voar. Subimos alto, muito alto, por entre nuvens doces e estrelas brilhantes. Olhei para baixo e vi montanhas dançantes, árvores que cantavam, peixes a voar e até um sofá com pernas!

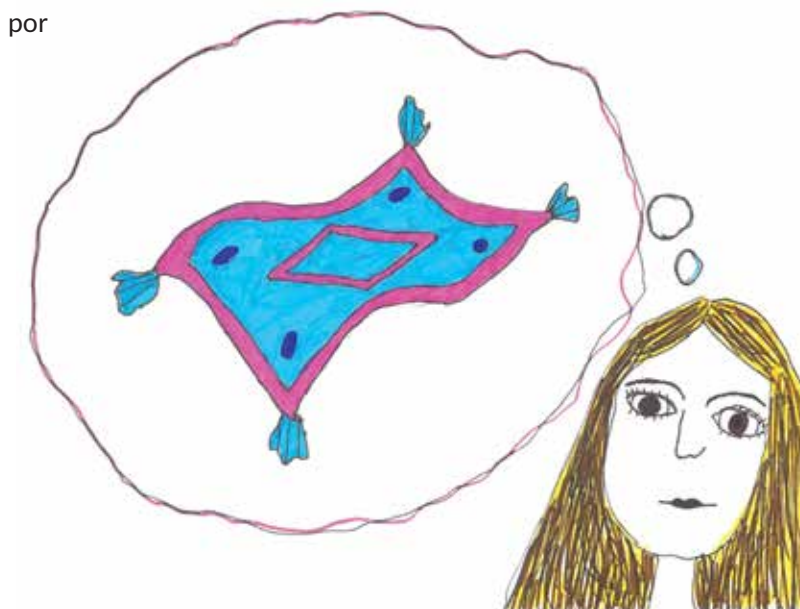
Lá no alto, senti nascer um pensadentro muito especial. Era como se o meu coração dissesse: “A imaginação não é tolice. É magia. É poder.”

E foi nesse instante... que acordei.

A minha mãe estava a chamar-me, como todas as manhãs. Mas algo era diferente. Senti-me feliz, como se tivesse trazido um pedacinho daquele sonho comigo.

Levantei-me e sorri. Afinal, não era só um sonho.

Era um sonho mágico e era meu.



Um sonho diferente

Luísa Pereira

— Boa noite, filho. Dorme bem, amanhã tens aulas — disse a minha mãe, enquanto me dava um beijo de boa noite.

Não respondi. Fiquei um tempo a pensar no que ela acabara de dizer. O tempo parecia estar a passar rápido demais — ainda ontem era dia de Páscoa e agora já estavam de volta as aulas?

Sentei-me na cama e pensei: “E se a minha vida fosse diferente? Sei lá... Se eu vivesse num universo ao contrário, onde tudo fosse de pernas para o ar?” Deitei-me. Depois pensei melhor: “mas que ideia maluca. Isso nunca vai acontecer... O melhor é dormir e pensar nas aulas de amanhã.” E adormeci.

No segundo seguinte, dei por mim em cima de um tapete voador. Era amarelado, com tons vivos de vermelho, azul e verde. Parecia uma pintura em movimento! De repente, ouvi uma voz a vir debaixo de mim. Saltei, assustada.

— Desculpa... estavas a falar comigo? — perguntei.

— Claro! Estou a falar contigo, sim! — respondeu o tapete, impaciente.

— O que me querias dizer? — perguntei, agora curiosa.

— És nova por aqui, não és? Nunca te vi... e olha que conheço toda a gente que já passou por este mundo — disse o tapete, desconfiado.

— Sim, sou nova... mas... onde estamos? Eu adormeci e.... acordei aqui!

— Agora não há tempo para explicações. Agarra-te bem, porque a viagem vai começar!

E, sem mais uma palavra, o tapete disparou pelo ar. A brisa mágica fazia cócegas no rosto e tudo à volta parecia flutuar. Durante a viagem, pouco falámos. O tapete apenas me avisou para sair quando aterrássemos.

Quando chegámos, desci. Olhei em volta. Nada era igual ao meu mundo. Peixes dançavam no ar, árvores cantavam e prédios tinham pernas. Continuei a andar até encontrar uma alforreca cor-de-rosa que se aproximou de mim.

— Olá! Como te chamas? — perguntei.

Ela não falou. Em vez disso, fez sinais com os tentáculos. Por sorte, eu tinha aprendido língua gestual na escola! Ela dizia: “Chamo-me Moranguinho. Vem comigo! Vais gostar de aonde te vou levar.”

Segui-a com curiosidade. Chegámos a uma floresta feita de quadrados flutuantes. Tudo era brilhante, geométrico e hipnotizante. No meio da clareira, vi um sofá com olhos e fósforos na mão. Parou, olhou para o céu como se estivesse a pensar, e hesitou. Eu também parei.

Naquele momento, comecei a pensar tanto, mas tanto, que a minha cabeça parecia que ia explodir.

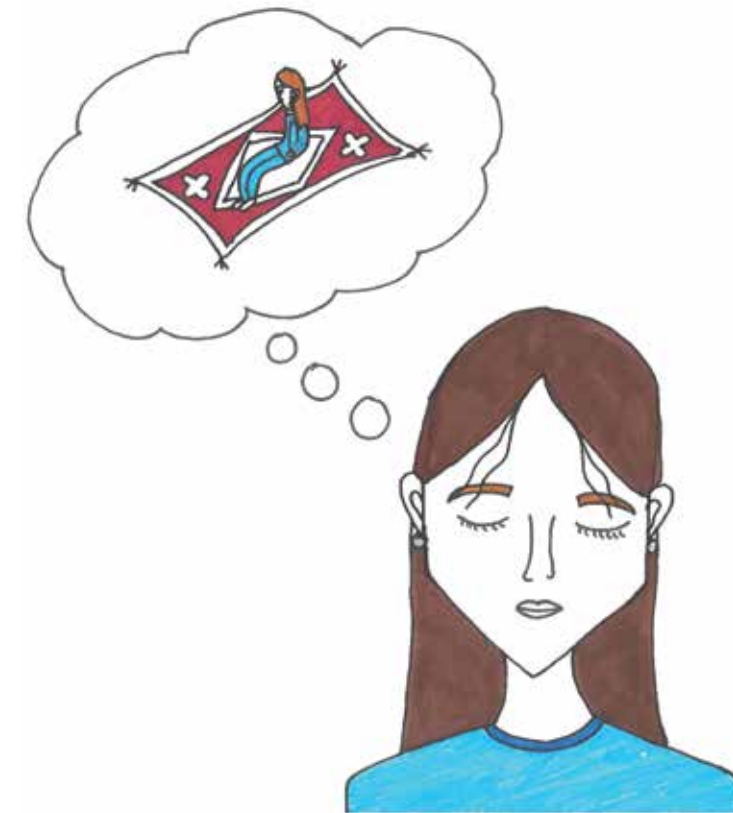
Foi aí que senti... o meu primeiro pensadentro.

E, de repente...

— Acorda, filho! Já são horas! — gritou a minha mãe, a abrir a porta do quarto.

Abri os olhos. Ainda sentia o cheiro do ar enquanto voava e parecia ouvir o riso da alforreca Moranguinho ao longe. Sorri para mim mesmo.

Talvez tenha sido apenas um sonho... ou talvez não. Afinal, quem é que nunca teve um pensadentro mágico?



O João e o Aborrivento

Mafalda Leitão

Era uma vez um menino chamado João que adorava pensadentros. Um *pensadentro* era um pensamento secreto e mágico que o João guardava só para si, especialmente ao final do dia, quando o mundo ficava mais silencioso e os sonhos começavam a sussurrar.

Numa dessas noites, o João foi deitar-se cedo. Como sempre, adormeceu num instante... e entrou num sonho. Ou pior: num pesadelo!

Tudo parecia perfeito. O João estava num grande barco em alto-mar, rodeado de marinheiros aventureiros e ondas reluzentes. Mas, de repente, uma figura sombria surgiu ao longe, deslizando num tapete voador que cortava o céu como uma flecha.

— Pensatia! Oh, não! — gritaram os marinheiros, em pânico.

Pensatia era uma vilã temida nos sete mares. Onde ela passava, deixava confusão, medo... e barcos partidos. Mas, estranhamente, desta vez parecia fraca.

Antes que conseguisse lançar um feitiço, apenas partiu um pedaço do barco com um gesto irritado... e desapareceu no céu como poeira ao vento.

Mal tinham tido tempo para respirar de alívio, quando um enorme temporal surgiu do nada. O céu escureceu, as ondas tornaram-se montanhas furiosas, e o vento assobiava segredos assustadores. O barco balançava violentamente, e todos temiam o pior.

Foi então que ele surgiu — o lendário Aborrivento, herói dos mares e dos sonhos!

Vindo do nada, com a sua capa feita de brisas e olhos que brilhavam como estrelas, Aborrivento pousou no barco e, com um sopro mágico, reparou o casco partido, acalmou o mar, afastou as nuvens e fez voltar o sol como se fosse o guardião da manhã.

O João correu para lhe agradecer, com o coração a bater de emoção. Mas, no instante em que abriu a boca para falar...

— Acordei! — gritou o João, sentado na cama, ainda com o coração a bater muito forte.

Sorriu para si mesmo. Afinal, até os pesadelos podem acabar bem... quando temos um bom pensadentro.



O tapete voador

Manuel Gil

Hoje vou contar-vos o sonho que tive. Sonhei que estava numa loja de tapetes, onde comprei um tapete muito especial.

Quando cheguei a casa, de repente o tapete levantou voo! Nunca tinha visto um tapete a voar, mas pensei logo: “É um tapete voador!” O tapete era de cores térreas, com desenhos que pareciam escadas de madeira de um porto e a proa de um navio.

Pensei comigo mesmo que devia voltar à loja para perceber melhor o que estava a acontecer, então pedi à minha mãe para voltarmos lá na mesma manhã.

Quando chegámos, a loja estava vazia. Dirigi-me ao empregado e contei-lhe o que se tinha passado. Ele olhou para mim, incrédulo, e disse que aquilo era impossível. Tentei explicar que tinha mesmo visto o tapete voar, mas ele insistiu que não aceitavam trocas ou devoluções.

Voltei para casa desanimado, e fui olhar para o tapete com atenção. De repente, ele falou comigo!

— Deixa-me ficar no teu quarto! — disse o tapete.

— Eu deixo, se me disseres de onde vens, porque voas e falas, e como te chamas! — disse eu.

— Chamo-me Roberto, e venho de um lugar mágico chamado “Pensadentro”, onde artesãos mágicos criam tapetes como eu. É por isso que conseguimos voar e falar. Então, deixas-me ficar no teu quarto?

— Sim, claro que deixo!

Sorri e aceitei o Roberto no meu quarto. Senti que aquela amizade seria mágica.

De repente, acordei. Olhei para o tapete no chão e perguntei-me se o Roberto teria vindo mesmo de “Pensadentro” ou se tudo não passava de um sonho. Mas, no fundo, senti que aquela história iria ficar comigo para sempre.

Que sonho incrível!



Uma noite diferente

Maria Vasques

Era uma vez um menino chamado Frederico, cheio de imaginação e curiosidade. Todos os dias depois da escola, fazia o mesmo caminho: subia umas escadas muito altas e só depois estava em casa.

Um dia, como sempre, chegou e foi brincar com o seu coelho de estimação, mas a rotina da noite não tardou a começar.

– Frederico! – chamou a mãe. – Vai tomar banho, vestir o pijama e vem jantar!

Frederico foi, contrariado, mas obedeceu. Vestiu o seu pijama preferido, com desenhos de astronautas, e jantou em silêncio. Depois, como era costume, foi conversar um pouco com a avó. Mais tarde, a mãe avisou:

– Filho, está na hora de dormir. Já são nove e um quarto!

Frederico lá foi para o quarto, lavou os dentes, deitou-se, e com jeitinho pediu:

– Mãe, podes ler-me aquele livro que eu adoro?

– Não, Frederico. Já és demasiado crescido para isso. – respondeu ela, sorrindo.

O menino ficou um pouco triste, mas aceitou. A mãe deu-lhe um beijo e saiu.

Esperou que ela se fosse embora... e, num instante, saltou da cama, foi buscar o tal livro escondido na estante e começou a lê-lo aos seus peluches, em voz baixa:

– A história começa assim... “Era uma vez um rapaz que sofria *bullying* na escola por ser de outro país e ter a pele de uma cor diferente. Chamavam-lhe «o miúdo esquisito». Para o alegrar, os pais deram-lhe um tapete voador. O menino ficou tão contente, que quis experimentá-lo logo no mesmo dia...”

Frederico lia com tanto entusiasmo, que perdeu a noção do tempo. Horas passaram, e ele adormeceu profundamente com o livro ainda nas mãos, a sonhar que vivia a mesma história do rapaz.

Na manhã seguinte, a mãe entrou no quarto:

– Frederico, está na hora de acordar!

Como ele não reagiu logo, ela deixou-o mais uns minutos. Quando voltou, ele acordou devagar. A mãe reparou no livro em cima da cama e perguntou:

– Estiveste a noite toda a ler?

Frederico hesitou, mas depois sorriu e disse:

– Sim, estive a ler o livro...

Depois de tomar o pequeno-almoço, a mãe, curiosa, perguntou:

– Sonhaste com alguma coisa?

E ele, com um brilho nos olhos, respondeu entusiasmado:

– Olha, sonhei com um pensadentro... Um pensamento tão profundo e mágico que parecia mesmo um tapete voador no meu coração!



O tapete voador do Lusitânia

Mariana Botton

Era uma vez um navio chamado Lusitânia. Eu era passageira desse grandioso barco, onde, enquanto algumas pessoas eram ricas, outras eram pobres e enfrentavam muitas dificuldades.

Num certo momento, a minha mãe percebeu que eu estava distraída e disse:

– Anda, estás a ter um pensadentro muito profundo.

De repente, ela entregou-me um presente. Curiosa, abri-o e encontrei um tapete. No dia seguinte, conheci um rapaz chamado João e decidi mostrar-lhe o meu novo presente. Sentei-me no tapete, mas nada aconteceu de imediato. Contudo, sentia que algo especial estava para acontecer, mesmo sem saber quando.

Eram dez horas da manhã quando fui ter com o João.

– Olá! – cumprimentei-o.

– Olá! – respondeu ele.

– Acho que este tapete é especial, mas ainda não sei exatamente como – confessei.

– Achas que ele pode dar-te tudo o que desejas? – perguntou o João, com um sorriso curioso.

Fiquei pensativa e respondi, hesitante:

– Eeeu... não sei...

Voltei para dentro e sentei-me no tapete. De repente, algo mágico aconteceu: o tapete começou a voar! Primeiro, gritei assustada:

– Socorro!

Mas depois, maravilhada, exclamei:

– Um tapete voador! Um tapete voador!

A viagem durou apenas quinze minutos, mas pareceu-me um minuto

De volta ao barco, às duas da manhã, avistámos uma tempestade feroz e o navio foi atingido por raios. Sem hesitar, eu e o João saímos a correr do barco e saltámos para as canoas que estavam preparadas.

Chegámos à Bulgária sãos e salvos. Desde então, guardei o meu tapete mágico com muito carinho, e prometi que o guardaria para sempre!

* * *

Hoje, aos 88 anos, quando olho para o tapete guardado no sótão, sinto um brilho especial que me transporta, em pensamento, para aquele dia mágico. E, ao fechar os olhos, sinto o tapete a ganhar vida, pronto para me levar numa nova aventura além do tempo e do espaço.

De repente, acordei e percebi que tudo tinha sido um sonho. Porque, afinal, alguns sonhos nunca acabam – eles apenas esperam o momento certo para voar outra vez.



Um sonho realista

Mateus Martins

Aladin era um rapaz curioso que adorava inventar palavras estranhas como “pensadentro”, “pensavento” e “pensatia”.

Numa tarde tranquila, enquanto estava no seu quarto a pensar nessas palavras, ouviu a mãe chamar:

– Aladin, vem jantar, deixa de jogar!

– Já vou, mãe. O que há para jantar? – respondeu ele, sem sair do lugar.

Depois de jantar, foi para a cama e, pouco tempo depois, ouviu um barulho alto vindo da sala: o pai tinha ligado a coluna de som bem alto. Aladin sorriu, mas logo se sentiu cansado e adormeceu profundamente.

No sonho que teve, tudo parecia muito realista, como se estivesse a ver um filme em 3D. Ele voava num tapete mágico quando viu um pássaro igualzinho ao que tinha visto há duas semanas no cinema, num filme a que assistira com o seu amigo Manuel, do colégio.

De repente, um pedregulho surgiu à frente do tapete, ele gritou e o tempo travou. Nesse instante, Manuel caiu do seu tapete voador e exclamou:

– Cuidado, Aladin! Olha para cima!

Os dois amigos estavam agora juntos naquele sonho e a aventura estava a começar.

Mas, sem aviso, o tapete ficou descontrolado e começou a girar sem parar. Aladin tentou controlá-lo:

– Ei, tapete, obedece!

– Eu tenho nome! – respondeu o tapete, surpreendendo-os.

Perplexos, Aladin e Manuel foram lançados do tapete, caindo suavemente na areia de um deserto desconhecido.

De repente, o tapete perdeu o controlo e girou

descontroladamente. Aladin tentou segurá-lo com todas as forças e gritou:

– Por favor, tapete, responde-me!

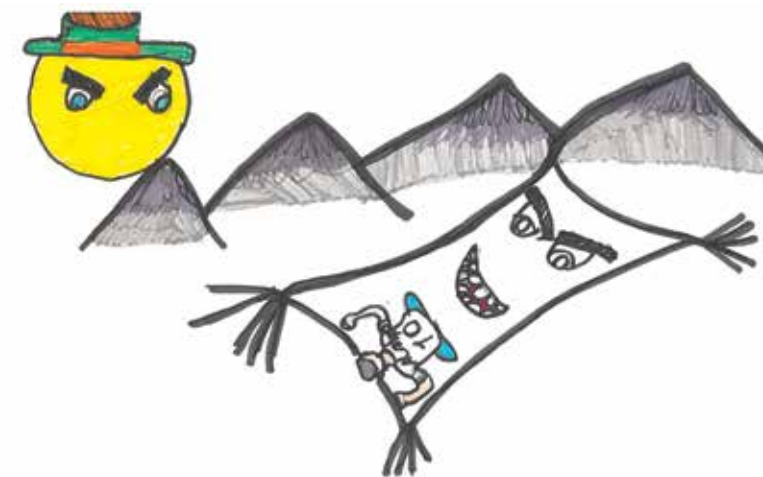
Para surpresa dos amigos, o tapete falou com uma voz calma:

– Eu tenho nome e vontade própria!

Antes que pudessem reagir, foram lançados de forma suave para o chão, num lugar desconhecido e misterioso.

Aladin abriu os olhos lentamente e percebeu que tudo tinha sido um sonho, mas o seu coração ainda batia muito rápido com a aventura que vivera. Pensou consigo mesmo: “Será que algum dia poderei voltar a voar naquele tapete mágico?”

E, de repente, acordou com um sorriso, levantou-se e prometeu nunca deixar de imaginar.



O dia maravilhoso

Matilde Matos

Numa bela manhã, o meu amigo chamado Tapete Voador entrou em casa todo entusiasmado, quando eu estava sentado ao computador. De repente, ele teve uma ideia que o deixou muito animado:

— Tive uma ideia! Vou para Marrocos! Vou já comprar o bilhete!

Sem perder tempo, o Tapete Voador comprou o bilhete em segundos e, no dia seguinte, partiu em viagem.

— Olá, bom dia! O que gostaria de comer? — perguntou a senhora do avião.

— Eu queria as bolachas para tapetes — respondeu o meu amigo, divertido.

A senhora, chamada Ana, sorriu e agradeceu pela resposta, antes de continuar o seu trabalho.

Durante o voo, o Tapete Voador teve um pensamento profundo, um verdadeiro pensadentro:

— Será que vou conhecer um amigo fantástico?

O que ele mais desejava nesta viagem era encontrar um amigo verdadeiro.

Quase uma hora depois, conheceu um rapaz muito engraçado e simpático chamado Joaquim, que era inglês. O Tapete tentou falar com ele em inglês e perguntou se ele sabia falar português.

— Sim, sei — respondeu o Joaquim, com um sorriso.

Juntos, decidiram explorar as ruas de Marrocos. Passearam pelos mercados coloridos, cheios de aromas de especiarias e sons de música tradicional. O Tapete Voador voava baixinho, mostrando ao Joaquim os lugares mais incríveis, enquanto o Joaquim lhe ensinava algumas palavras em inglês e traduzia para português.

Num dado momento, encontraram um velho mapa misterioso numa banca do mercado. O mapa mostrava a localização de um tesouro escondido numa antiga

medina. Cheios de curiosidade, os dois amigos decidiram seguir as pistas.

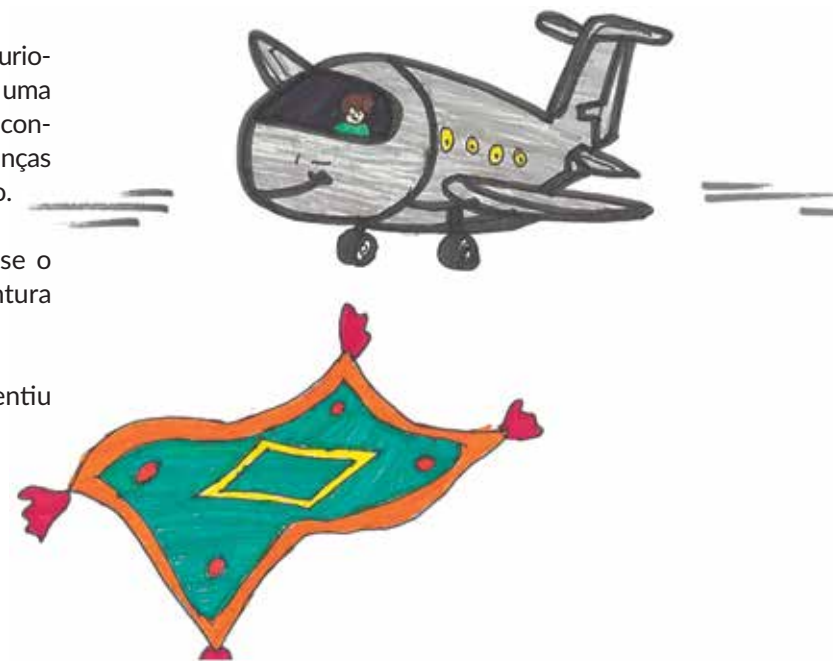
Depois de algumas aventuras, fugiram de gatos curiosos e atravessaram becos estreitos, e chegaram a uma pequena porta escondida atrás de uma fonte. Lá, encontraram uma caixa antiga cheia de histórias e lembranças deixadas por pessoas que ali viveram há muito tempo.

— Este tesouro é melhor do que ouro! — disse o Tapete Voador, feliz por ter partilhado aquela aventura com um amigo tão especial.

Mas, depois de um tempo, o Tapete Voador sentiu saudades de casa.

Decidiu voltar para Portugal, e chegou feliz por estar de novo no seu país, mas também um pouco triste por deixar para trás um amigo tão especial — quase um amigo de família.

E, de repente, acordou.



O assalto do barco

Pedro Fernandes

Uma vez acordei e vi um grande barco ancorado no porto. O meu amigo Pensatio estava lá à minha espera. Ele chamou-me para entrar no barco, mas hesitei, pois estava a pensar se devia mesmo ir.

– Pensadentro, seu pensavento! – exclamou o Pensatio, com um sorriso encorajador.

Decidi entrar e, assim que pisei o convés, o barco começou a avançar lentamente pelo mar.

Mais tarde, o Pensatio chamou-me para almoçar. Na mesa, havia hambúrgueres, piza e batatas fritas. Comi um hambúrguer com batatas, sentindo-me feliz e satisfeito.

Mais tarde, fui para o meu quarto no barco. Para minha surpresa, encontrei um tapete que dizia ser voador. Quando contei ao Pensatio, ele disse que ia explorar o barco e perguntou se eu queria acompanhá-lo. Achei uma ótima ideia e aceitei.

No entanto, ao sairmos do quarto, ouvimos barulhos estranhos – tiros e gritos vindos do convés. O barco estava a ser saqueado por outro navio.

Olhei para o Pensatio e depois para o tapete voador.

– Temos de fugir, e eu tenho uma ideia! – afirmei, determinado.

– Qual é? – perguntou ele, assustado.

– Encontrei este tapete e um papel que diz que ele é voador – expliquei.

– Isso é impossível! – exclamou ele, incrédulo.

– Mas temos de tentar! – insisti.

Subimos ao tapete e, para nossa surpresa, ele começou mesmo a voar! Conseguimos escapar do barco roubado e voámos bem alto, acima do mar.

Virámos para casa, mas pelo caminho fomos surpreendidos por um polvo gigante! Os seus tentáculos enormes agarraram-nos e fomos puxados para o mar.

Enquanto o polvo gigante nos puxava para o fundo do mar, o tapete voador começou a brilhar intensamente. De repente, senti uma força suave a elevar-nos para cima, para longe das águas geladas.

O tapete usou toda a sua magia e, num instante, estávamos de volta ao barco, a salvo e livres do perigo.

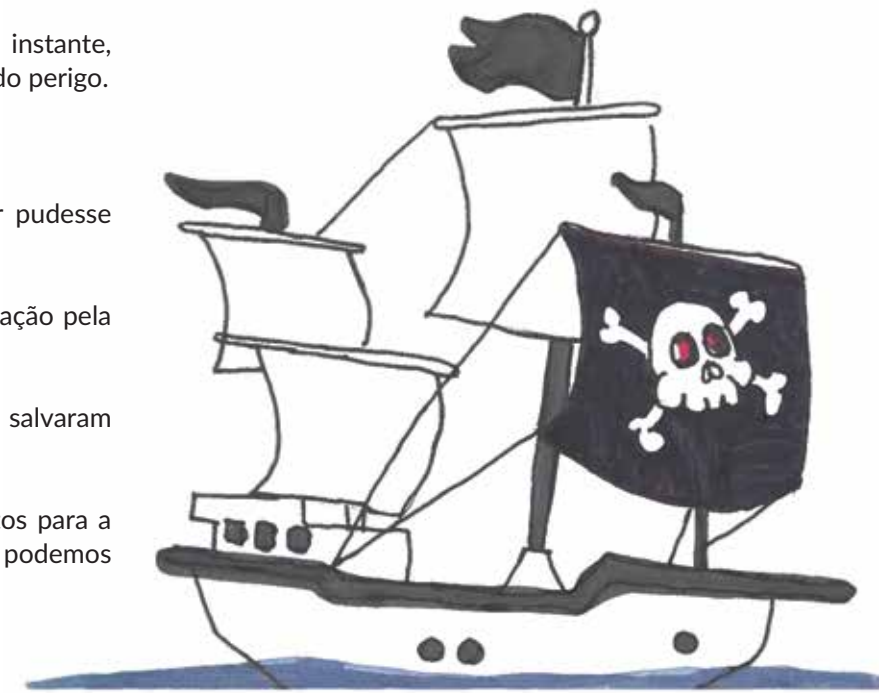
O Pensatio olhou para mim e sorriu:

– Nunca pensei que um tapete voador pudesse salvar-nos assim!

Eu também sorri, cheio de alívio e admiração pela aventura que acabávamos de viver.

– Acho que os nossos pensadentros nos salvaram outra vez – disse eu.

Assim, voámos de volta para casa, prontos para a próxima aventura, confiantes de que juntos podemos enfrentar qualquer desafio.



O tapete voador e a senhora

Rodrigo Pedroso

Era uma vez uma senhora que estava de partida do seu país. Mas, quando subia para o barco, algo inesperado aconteceu: o barco virou-se e ela caiu.

Por sorte, um tapete voador apareceu e apanhou-a no ar.

— Que sorte! Fui salva por um tapete voador! — exclamou a senhora, desassossegada.

Mas, segundos depois, o tapete perdeu o equilíbrio e ela caiu. Teve de ser levada para o hospital.

Quando chegaram lá, o tapete pediu desculpa:

— Desculpe, senhora! Não era minha intenção deixá-la cair.

A senhora ficou muito aborrecida. Então, tirou um pensadentro e pensou: “Por que razão fui confiar num tapete?”

Começou a imaginar que estava em casa, descansada, com um refrigerante bem fresco para acompanhar. Mas estava muito enganada. Na verdade, estava internada no hospital, em estado grave — quase perdeu uma perna e ficou sem um braço.

Quatro meses se passaram. Começou a abrir os olhos cada vez mais e a responder às pessoas. Ainda estava com uma saúde muito fragilizada.

Passaram-se mais vinte dias, até que ela abriu os olhos de vez. O tapete, que tinha ido embora por um tempo, voltou e ouviu a senhora a gritar por ele.

— Olá, senhora, está tudo bem? — perguntou o tapete.

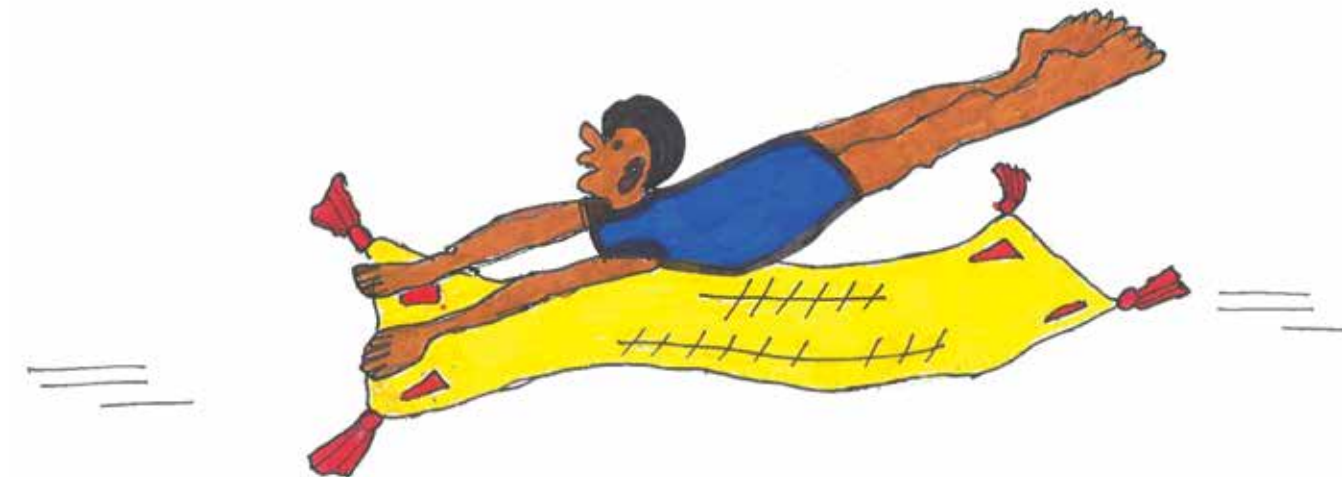
— Ainda me dói o braço e a perna... — respondeu ela, com uma voz fraca.

O tapete foi-se embora por algum tempo, mas ao voltar encontrou a senhora desmaiada. Chamou imediatamente os enfermeiros.

Eles fizeram de tudo para a reanimar, mas nada acontecia.

No dia seguinte, o tapete foi ao local onde tudo tinha acontecido. Olhou para o sítio da queda e pensou: “E se eu me atirar também? Talvez assim possa ficar com ela...”

Mas resolveu ir novamente ao hospital e algo incrível aconteceu: a senhora acordou.



Inverno sem piedade

Rodrigo Condessa

Numa aldeia tranquila, o verão estava mais quente do que nunca. As pessoas abanavam-se com leques e procuravam sombra, porque o calor fazia com que todos andassem desgastados.

Mas um dia, de forma inesperada, o tempo mudou.

Chegou o inverno — não um inverno qualquer, mas um inverno mágico e inesperado. O vento soprava forte e frio, como se viesse de um lugar encantado. As árvores ficavam cobertas de gelo e as casas rangiam com o frio.

As pessoas começaram a procurar formas de se proteger. Algumas escavaram pequenas tocas no chão, como se fossem animais à procura de abrigo.

Foi numa dessas escavações que um menino encontrou algo incrível: um tapete voador!

Mal o viu, teve um *pensadentro* — daqueles momentos em que se pensa com o coração: “E se eu voar para um lugar aonde o inverno ainda não chegou?”

Montou-se no seu tapete e partiu numa aventura pelo céu.

Dois dias depois, chegou a uma nova terra. Mas, para sua surpresa, o inverno também estava lá, só que era um inverno diferente, mais leve, com flocos de neve suaves e pessoas a beber chocolate quente junto à lareira.

Percebeu então que não precisava de fugir do inverno, mas sim de aprender a viver com ele.

De repente... acordei. Tinha sido apenas um sonho — mas daqueles que nos fazem pensar de maneira diferente ao acordar.



Mas qual era o nome dela?

Sofia Rodrigues

Era uma vez uma menina chamada Sofia. Numa noite, enquanto dormia, teve um sonho muito estranho! De repente, deu por si num labirinto e ouviu uma voz misteriosa que lhe dizia:

– Para saíres deste labirinto, tens de encontrar o tapete voador azul e amarelo.

– Obrigada. Mas quem és tu? – perguntou a Sofia, muito atrapalhada.

– Eu sou o teu pen... não te posso revelar agora, mas posso dizer-te onde é que está o tapete!

– Ai podes? Então onde é que está? – interrogou a Sofia, muito indignada.

– Ele está ao fundo do corredor, à direita.

A Sofia ficou muito feliz e seguiu as indicações. Quando chegou ao fim do corredor, encontrou os tapetes voadores. Escolheu o azul e o amarelo, subiu e voou até à saída.

– Conheces a palavra “pensadentro”?

– Não, não conheço. Porquê? – respondeu a Sofia, curiosa.

– Então, tens de inventar um significado para ela, se quiseres sair desta sala.

– Hum... Está bem. Pode ser “pensar para dentro”? – arriscou a Sofia.

– Sim! Depende sempre da tua imaginação! – exclamou essa pessoa tão misteriosa.

Finalmente, a Sofia conseguiu sair da sala. Antes de ir embora, perguntou:

– Afinal, qual é o teu nome? Posso saber?

– O meu nome é...

Subitamente, acordou! Nunca soube quem era aquela pessoa misteriosa...



O barco de um menino

Teresa Maçarico

Uma vez, acordei e percebi que não estava na minha casa. Estava numa praia desconhecida, um lugar aonde nunca tinha ido antes. O Sol brilhava alto e a areia era quente e macia sob os meus pés. Andei e andei pela praia, a olhar para o mar, que parecia infinito.

A dada altura, encontrei um menino sentado na areia, calado e sossegado, a brincar com um barco de madeira. O barco era simples, mas parecia muito especial para ele. Fiquei curiosa, pois não percebia o que o menino queria fazer com aquele barco.

Na minha cabeça, um pensadentro surgiu: “Será que devo falar com ele, ou será melhor ficar quieta?”

Depois de um momento a hesitar, ganhei coragem e aproximei-me devagar.

— Olá! — disse eu, com um sorriso.

Ele deu um salto e olhou para mim muito surpreendido.

— Ah! Que susto! Quem és tu? — perguntou, com os olhos arregalados.

— Chamo-me Marta. Prazer em conhecer-te! — respondi.

— Eu sou o Bernardo — disse ele, com uma voz tímida.

Depois de me dizer o nome, Bernardo voltou a concentrar-se no seu barco, como se o mundo à volta não existisse. Comecei a ficar um pouco aborrecida, então sentei-me na areia ao seu lado e fechei os olhos para descansar.

Quando abri os olhos, já não estava na praia. Estava no céu! O azul era tão claro e brilhante, que quase cegava. Abaixo de mim, as nuvens pareciam de algodão doce. Enquanto tentava entender onde estava, um anjo apareceu ao meu lado, a sorrir gentilmente.

— Olá, Marta — disse ele, com uma voz suave. — Vais ganhar um presente muito especial.

Antes que pudesse perguntar o que seria, de repente acordei, e estava de volta ao meu quarto. Na minha cabeça, um pensavento tomou conta dos meus pensamentos: “O que será que iria ganhar? Será que era um tapete voador?”

Quando acordei, ainda sentia aquele pensamento mágico a girar na minha cabeça. Queria saber se o meu sonho era só um sonho, ou se algo extraordinário estava para acontecer.

No dia seguinte, voltei à praia, queria encontrar o Bernardo e o seu barco de madeira. Procurei por todo o lado, mas não o vi. Só encontrei pedras na areia, como se ele tivesse ido embora pouco tempo antes.

Nesse momento, ouvi um sussurro ao meu lado:

— Marta, vem comigo!

Olhei para trás e vi o tapete voador mais lindo que alguma vez tinha visto, com cores que brilhavam como o arco-íris. Sem pensar duas vezes, subi para cima dele. O tapete começou a voar de forma suave, levando-me para o céu, onde o anjo do meu sonho me esperava.

— Estás pronta para o teu presente? — perguntou ele, a sorrir.

— Sim! — respondi, cheia de coragem e curiosidade.

O anjo entregou-me uma pequena caixa dourada. Dentro dela, havia uma pena branca que brilhava com uma luz suave.

— Esta é uma pena mágica — explicou o anjo — Com ela, podes viajar para qualquer lugar nos teus sonhos. Sempre que quiseres uma aventura, basta segurar a pena e pensar no destino.

Senti uma enorme alegria, pois nunca tinha sentido tamanha felicidade. A magia estava mesmo ao meu alcance!

— Obrigada — respondi, com um grande abraço ao anjo.

Num instante, estava de volta à praia, mas com a certeza de que a magia dos meus sonhos nunca me abandonaria.

E assim, sempre que acordo, penso no que o meu pensavento me vai mostrar da próxima vez.



O meu mundo a desaparecer

Tiago Garcia

Num dia calmo, olhei em redor e tive um pensamento estranho. Pensei para dentro, ou melhor, tive um *pensadentro*! De repente, juntei as palavras “pensa” e “dentro” e comecei a rir. Que ideia maluca!

Foi aí que percebi uma coisa ainda mais estranha... Estava num tapete voador! E conseguia manter-me em cima dele sem cair. Estava fascinado com tudo aquilo, quando, sem querer, espirrei com força — e puf! — parecia que tinha sido transportado para o mundo do *Dragon Ball*.

Sem perceber como, descobri que conseguia teletransportar-me infinitamente. Era como se estivesse a saltar de lugar em lugar, mas todos os sítios pareciam... familiares. Alguns, já os tinha visitado; outros, já os tinha visto algures.

De repente, notei algo estranho: não havia planeta Terra. Fiquei assustado. Olhei bem à minha volta e percebi que tudo o que estava a ver — as paisagens, as paredes, os locais — era o próprio planeta Terra, só que diferente. Como se estivesse a desaparecer ou a mudar de forma.

Continuei a explorar, até que, finalmente, reparei numa porta atrás de mim. Sem pensar duas vezes, abri-a... e saí.

Quando olhei para cima, vi algo inesperado: um projetor. De repente, tudo fez sentido — eu tinha adormecido no sofá a ver televisão! Talvez o que vi fosse apenas um sonho misturado com os filmes e séries da noite anterior.

Nesse momento, acordei, mas fiquei com uma dúvida na cabeça: será que foi mesmo só um sonho... ou estive mesmo a visitar o meu mundo, antes de ele desaparecer?



E de repente... pensadentro

Tomás Ribeiro

Era uma vez uma tarde silenciosa em que eu fiquei muito quieto, só a pensar...

Mas não era um pensar qualquer. Era como se estivesse a pensar para dentro e para o vento. Um verdadeiro *pensadentro*!

Foi aí que começou a minha aventura mais estranha de sempre...

Que sonho de pensatia! Ia a correr atrás da minha tia, que andava num tapete nadador. Eu decidi usar um tapete corredor, enquanto a minha mãe andava num tapete saltador; e o meu pai, num tapete voador.

Cada um seguia para o seu destino.

Eu fui participar nos Jogos Olímpicos, na corrida dos três mil metros. A minha tia foi para a praia, a minha mãe competiu no salto em comprimento... E o meu pai? Bem, o meu pai caiu do tapete e... foi parar dentro de um barco!

Lá dentro, um sítio vazio e silencioso, ele gritou:

— Está aí alguém?

Mas ninguém respondeu. Então pensou:

“Será que posso conduzir este barco? Claro que sim!”

Como não percebia nada de botões, quando decidi dormir, clicou num que achava que baixava a âncora... Mas, na verdade, pôs o barco a andar a toda a velocidade!

Foi então que o seu pensadentro o alertou: “Acorda! O barco vai bater num aicebergue!”

— O quê?! O que é que está a acontecer?! — gritou o meu pai, assustado.

Tum! O barco bateu num aicebergue e começou a afundar-se rapidamente.

— Socorro! Socorro! — gritou o meu pai, em pânico.

Mais uma vez, o seu pensadentro salvou o momento: “Vai para o bote salva-vidas! Rápido, antes que seja tarde!”

E, de repente, acordei!

Olhei à minha volta, ainda meio confuso, e pensei:

Será que foi só um sonho? Ou o meu pensadentro vai continuar a mostrar-me mundos ainda mais malucos?

Acho que vou ter de esperar pelo próximo sono para descobrir...



O acontecimento

Tomás Pinto

Quando abri os olhos, estava a voar! Olhei para baixo e quase caí de susto — estava em cima de um tapete voador! Fiquei muito espantado. Ao olhar para o lado, vi uma paisagem deslumbrante: árvores bem verdes, montanhas majestosas e uma diversidade incrível de animais. Fiquei fascinado!

O tapete começou a descer lentamente até uma floresta densa. Foi então que vi um lobo preso numa armadilha. Ao aproximar-me, ele falou e pediu ajuda:

— Ei, por favor, podes ajudar-me? Fiquei preso nesta armadilha enquanto caminhava pela floresta — disse com a voz fraca.

Fiquei boquiaberto: um lobo a falar comigo e a pedir ajuda! Depois de pensar um pouco, respondi:

— Mas como posso ter a certeza de que, quando te libertar, não me vais caçar ou morder?

— Eu não te vou caçar nem morder, prometo! Se me salvares, ser-te-ei eternamente grato e estarei sempre ao teu lado — respondeu o lobo.

Mesmo desconfiado, decidi acreditar nele.

— Está bem, vou libertar-te. Espero que estejas a dizer a verdade.

Depois de o libertar, o lobo agradeceu-me muito:

— Muito obrigado! Estou muito agradecido. Será que me podes dar um pouco de comida e água?

— Claro! — respondi eu.

Ele comeu e bebeu tudo em poucos minutos, e ficou logo mais forte e valente.

— E agora, o que fazemos? — perguntei.

— Podemos andar pela floresta — sugeriu o lobo.

— Adoro a ideia! — respondi, entusiasmado.

Comecei a seguir o lobo e, enquanto caminhávamos, ele falava sem parar. No meu pensadentro, pensei: “Será que é mau dizer para ele se calar um pouco?” Mas não disse nada.

De repente, ouvimos um barulho, um som muito forte. Era um urso enorme a sair dos arbustos.

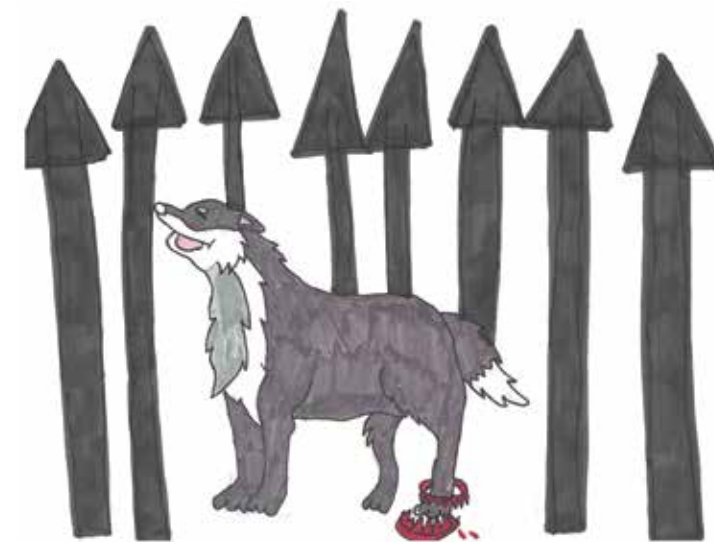
— Um urso! Corre! — gritei.

Mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, um tapete voador apareceu e puxou-nos para cima, salvando-me a mim e ao lobo.

— Muito obrigado! — agradei ao tapete.

O tapete voou cada vez mais alto, e vi uma paisagem ainda mais linda do que antes.

E de repente, acordei e pensei: que sonho tão giro!



A seca alienígena

Vera Pinheiro

Era uma vez uma viagem muito especial. Eu e a minha irmã, Madalena, estávamos num barco roxo, a caminho da Austrália. A viagem era longa... bem longa! Tínhamos lugares perto da borda, o que nos permitia ver o mar de forma incrível.

Depois de algum tempo, começaram a formar-se ondas gigantes. Como estávamos perto da janela, víamos tudo com muita clareza. De repente, uma onda enorme bateu no barco com tanta força, que ele virou! Toda a gente caiu ao mar.

Sem fôlego, começámos a nadar desesperadamente até encontrarmos um tronco ao qual nos agarrámos. A corrente levou-nos até umas rochas, e conseguimos subir para uma delas. Estávamos molhadas, cansadas... e assustadas.

Assim que subimos, vimos algo a voar no céu. Olhámos em redor, mas não percebíamos o que era. Então, a Madalena perguntou:

— O que vamos fazer agora?

— Já tive um pensadentro de tanto pensar numa saída, mas não sei que fazer — respondi, desorientada.

De repente, aquilo voltou a aparecer — um tapete voador! Quase gritei! Começou a dar voltas à nossa volta, até que parou mesmo à nossa frente e nos convidou a subir. Primeiro hesitámos, mas depois confiámos e subimos. O tapete levou-nos até um planeta desconhecido!

Lá, o tapete começou a falar connosco e com uns alienígenas de aspeto simpático. Explicaram-nos que havia uma grande seca naquele planeta. O seu rei, Makil, era o único que sabia abrir a porta mágica que fazia nascer a água e crescer as plantas, mas ele tinha desaparecido!

— Mas... porque é que o Makil foi embora? — perguntámos.

O tapete respondeu, depois de ouvir um dos alienígenas:

— Ninguém sabe. Ele desapareceu sem deixar rasto. Só os humanos conseguem descobrir a forma de ativar o sistema e acabar com a seca.

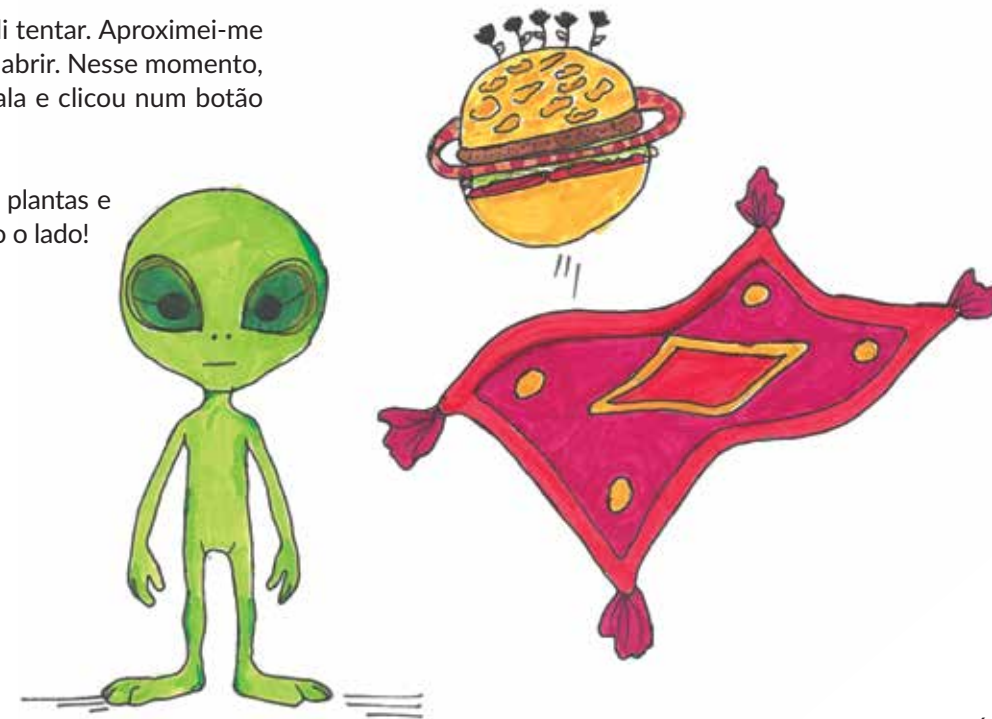
Ficámos sem palavras. A Madalena puxou-me e disse:

— Sinto pena deles. Podemos tentar ajudar. Quem sabe até recebemos uma recompensa!

Eu pensei: “E se alguma coisa correr mal?”

Mas respirei fundo... e decidi tentar. Aproximei-me da porta e estiquei a mão para a abrir. Nesse momento, um dos alienígenas entrou na sala e clicou num botão escondido.

De repente, brotaram flores, plantas e fontes de água cristalina por todo o lado! O planeta voltou a ter vida.



Os alienígenas agradeceram-nos e, como recompensa, ofereceram-nos o tapete voador. Subimos e partimos, felizes por termos ajudado.

E... de repente, acordei. Tinha sido um sonho, mas daqueles que nos fazem acreditar que até nos mundos mais distantes podemos fazer a diferença.

Um sonho mágico

Ziyu Shen

Naquele dia, eu estava muito cansada depois da escola. Antes de dormir, pensei no que tinha acontecido e nos sonhos que gostava de ter. Mal sabia eu que ia embarcar numa aventura muito especial!

– Até amanhã, mãe! – disse eu antes de ir dormir.

– Dorme bem! – respondeu ela.

Antes de fechar os olhos, pensei no meu dia na escola. Foi divertido, mas uma amiga disse-me que sonhar com coisas de outro mundo era coisa de doidos. Não respondi, mas acho que isso não é verdade.

De repente, acordei num lugar estranho.

– Onde estou? Alguém aí? – perguntei, confusa.

– Olá! – respondeu uma voz perto de mim.

– Ahhhh! Que susto! Quem és tu? – perguntei, assustada.

– Eu sou uma voadora! – respondeu ela, cheia de entusiasmo.

– E que coisa é essa ao teu lado? – perguntei.

– É o meu tapete mágico! Sem ele, não consigo voar.

Ainda sem saber bem o que dizer, perguntei:

– Onde é que eu estou?

– Estás no mundo mágico.

– Como se chama este mundo?

– Mundo Mágico. Vamos explorar? – convidou ela.

– Qual é o teu nome? – perguntei.

– Benedita! E o teu?

– Clara! – respondi, muito entusiasmada.

– Queres dar uma volta no meu tapete voador? – perguntou. Pensei e aceitei.

Quando me sentei no tapete, tive um pensamento... Estava a voar!

E, de repente, acordei.

Agora sei que, mesmo quando parece que os sonhos são estranhos, eles podem guardar mundos incríveis para explorar.



Turma 4.º C

(2024/2025)

Carta ao Sol

Querido Sol,

Chamo-me **Loureiro-dos-Poetas**, e tenho estado muito, muito triste. A sua ausência não faz bem ao nosso planeta. Os girassóis perderam a cor amarela. Os melros não cantam. O arco-íris está todo cinzento e parece um pequeno *murmurinho*. Ou seja, nem temos oxigénio.

Aproveito o voo da minha amiga **Gaivota** para enviar esta cartinha. Mando também uma mantinha, para o caso de o Senhor estar adoentado. Está?

A minha avó chamada Loureira-Sem-Poetas, quando eu era pequeno, dava-me uma sopa, a “solpa amarela”. Mas sem sol, como podem as avós fazer a tal solpa? E como irão os humanos à praia? E quem fará o peixe-seco se não está o sol, tão quentinho, para o secar?

Bem, esta carta vai longa. Como não sei escrever, pedi a um poeta amigo.

Se puder, volte rápido. A Terra precisa de si.

Um abraço amigo,
Loureiro-dos-Poetas [Ondjaki]

Texto escrito durante a sessão com os/as alunos/as da turma 4.º C

A aventura da oliveira e do falcão

Afonso Rosa

Lisboa, 20 de março de 2230

Querido Sol, como estás?

Eu sou a Oliveira. Estou a escrever-te esta carta porque há três dias que não sinto os teus raios ultravioleta. Eu já estou aqui a *murmurinhar*. Não estou a conseguir dar origem ao meu fruto, a azeitona. Os pássaros também me pedem oxigénio, mas nem frutos nem oxigénio consigo produzir.

Pedi ao Falcão que te enviasse esta mensagem. Pelo que investigámos, vai demorar cerca de um mês a chegar a ti, trata-o bem. Quando chegar à tua porta aí no céu, já terá passado pelo mundo da imaginação, por baixo da ponte com lava, pela estrada do universo, pelos meteoritos S, P, E, L, O e C e pelo arco-íris gigante. Imagina como deve estar cansado! Mas entregar-te esta carta foi importante para todos. Aqui na Terra está muito mau tempo. Precisamos muito da tua ajuda.

Querido Sol, volta a fazer-nos felizes com a tua luz e calor.

Um abraço da tua amiga
Oliveira

P. S.: Todas as aves e árvores da Quinta das Teresinhas acham que o inverno se instalou para sempre. Um *abramo* da tua amiga Oliveira.



Vem de mansinho

Afonso Cardoso

Lisboa, 20 de fevereiro de 2029

Querido Sol,

Sou o Pinheiro e estou a escrever-te esta carta porque o mundo precisa de ti! Sem ti, o mundo não consegue *murmurinar*; sem ti, as plantas murcham, as árvores não crescem e não darão frutos, não veremos o belo arco-íris, não haverá verão, e nunca mais teremos a bela vista do pôr do sol.

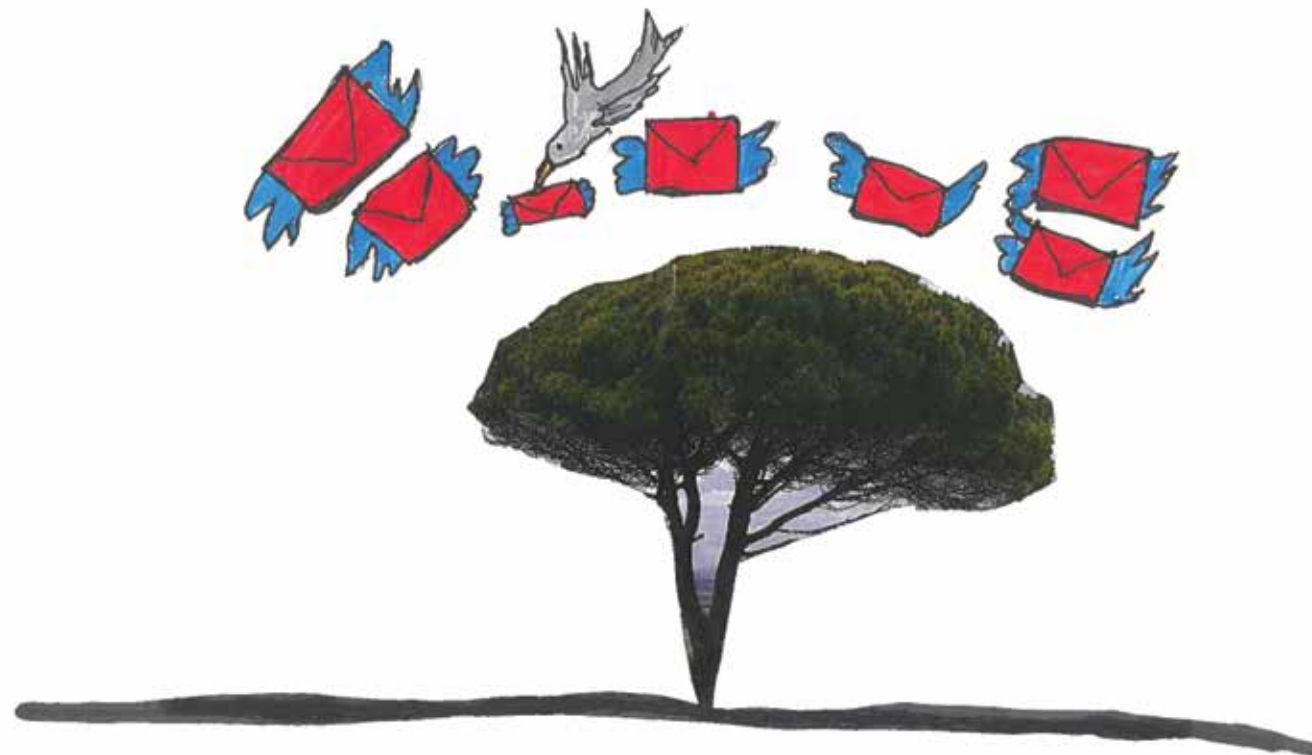
Temos muitas saudades tuas; por isso, pedi ao meu amigo Pombo para te levar esta minha carta.

Muito obrigado por teres recebido o Pombo, foi muito generoso da parte dele aceitar esta missão de chegar até ti. Ele vive comigo, juntamente com muitas outras plantas e aves, na Quinta das Teresinhas.

Espero que aceites este meu pedido e que possamos ver-te em breve.

O teu amigo Pinheiro

P.S.: Não precisas de vir à pressa e com muito calor, também precisamos de chuva. Vem de mansinho.



A importância do Sol

António Valério

Lisboa, 31 de dezembro de 2099

Querido Sol,

Eu sou um choupo-negro e vivo numa quinta, a Quinta das Teresinhas.

Não estranhes que um gaio te tenha levado esta carta. Eu não consigo sair daqui, e na Terra estamos todos unidos nesta missão de te fazer regressar para nós.

Os animais estão a ficar doentes, as plantas, árvores e frutos estão a apodrecer. Nós precisamos de ti, estamos com muito frio! Os humanos não saem das suas casas, precisamos todos dos teus raios UV.

O gaio foi como um *murmurinho* até à cidade, antes de ir ao teu encontro. Os seres vivos precisavam de umas palavras de esperança, antes da sua partida. Acredito que não saibas, aqui estamos todos muito tristes.

Precisamos que voltes porque és muito importante para todo o mundo!

Um abraço,
Choupo-negro e todas as árvores

P.S.: Não te esqueças, aparece!



Um murmurinho coletivo

Bernardo Sousa

Olá, meu amigo Sol!

Espero que esta minha carta te encontre luminoso. Estou a escrever-te porque queria perguntar-te quando é que voltas a aparecer.

Todos aqui têm saudades tuas, já há algum tempo que não te vemos. Ah! Quase que me esquecia de me apresentar: escreve-te o Alecrim, uma das muitas plantas que está a sofrer com a tua ausência.

Continuando: aqui não tem estado bom tempo. Nós queremos que voltes para sentirmos o teu calor, para que os humanos possam estar mais fora de casa, para que possam ir à praia e para que as plantas e os animais possam aproveitar com saúde cada novo amanhecer.

Lisboa, 30 de dezembro de 2025

Desculpa, ia-me esquecendo de te pedir uma outra coisa: quando te juntares às nuvens carregadas de água, formem juntos um arco-íris.

Bom, espero que o falcão que contratei para te levar esta carta tenha conseguido chegar até ti, e que leias este meu pedido com muita atenção.

Todos queremos que voltes para a Terra. Ouve o nosso *murmurinho* coletivo, por favor!

Cumprimentos do teu amigo
Alecrim



A carta da cerejeira

Francisco Henriques

Olá, amigo Sol!

Esta carta é-te enviada pela tua querida Cerejeira.

Estamos muito preocupados contigo. Ninguém sabe bem o que se passou, se estás bem ou não...

Estamos à tua espera para podermos assinar o Tratado de Zamora. O rei de Castela recusa-se a assiná-lo sem que tu estejas presente.

Precisamos muito de ti para nos trazeres luz e já estamos a precisar de ver um arco-íris. Agora andam sempre a fazer um certo *murmurinho*.

Ainda há outros tantos problemas com a tua ausência: a tristeza reina, dás-nos mais alegria quando estás! Sem ti, não podemos colher as plantas e as crianças já não podem ir à escola... Até o futuro rei D. Afonso Henriques tentou falar-te, mas sem sucesso.

Lisboa, 19 março de 1143

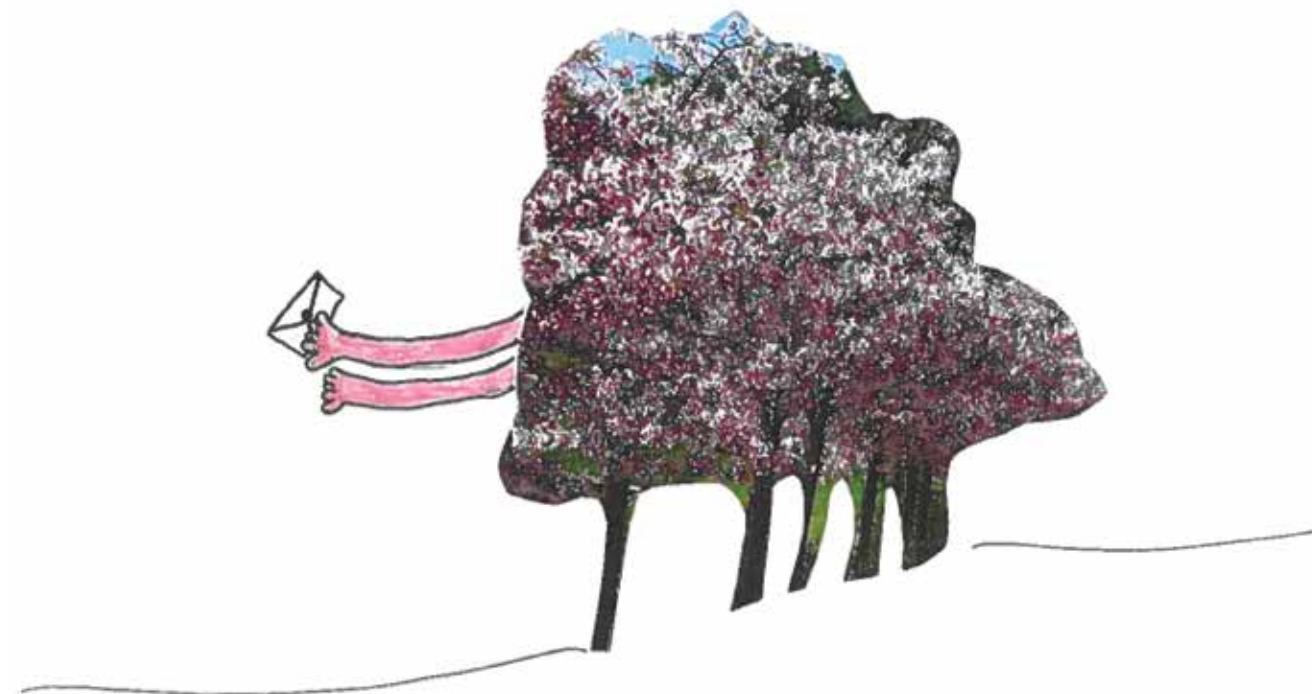
Todos os estudiosos da ciência andam às voltas. Ouvei dizer que estão a planear a vida em Marte, para o caso de não regressares.

Não tenhas preguiça e sai da cama! Nós precisamos muito de ti!

Espero que esta carta te faça mudar de ideias.

Para não achares estranho, aviso-te que o pássaro que te entregou esta carta é o peneireiro-vulgar do futuro rei. Ele lançou-se pelo ar até às nuvens. Depois, a amiga chuva deitou algumas das suas gotas para cima dele, para que ele pudesse ganhar impulso e viajar até à tua casa. Espero que tenha sido bem recebido!

Umam cereja carnuda para ti,
Cerejeira



Um pedido diferente

Henrique Cerqueira

Lisboa, 19 de março de 2025

Olá, Sol!

Eu sou o Carvalho-sedoso, uma das muitas árvores da Quinta das Teresinhas.

O Falcão foi a tua casa entregar-te esta carta que escrevi porque gostaríamos que voltasses, precisamos de ti para viver.

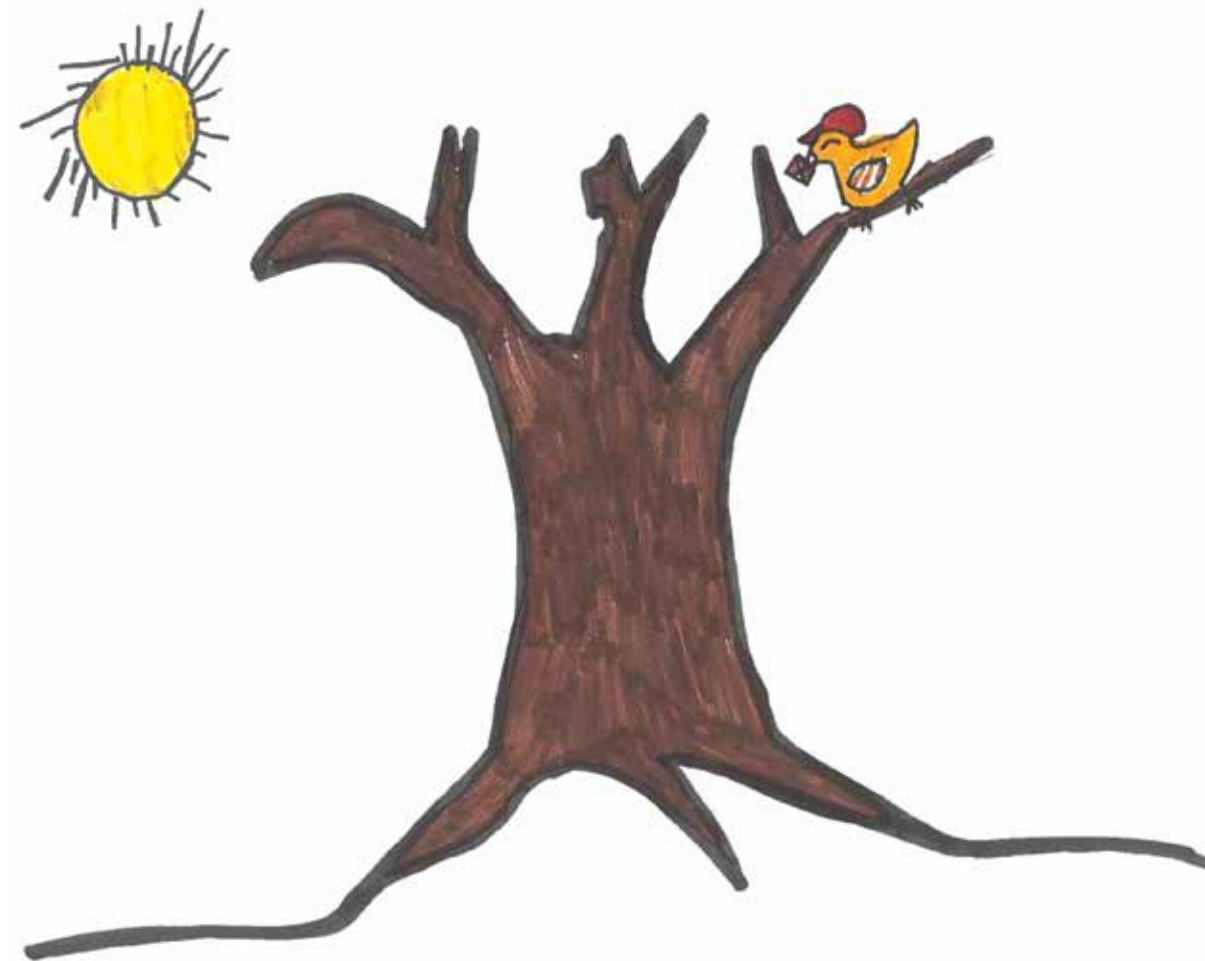
Deves estar a perguntar-te porque é que pedi ao Falcão para te entregar esta carta. Não consigo sair desta escola e ele é muito rápido.

Nós precisamos de ti o mais depressa possível. Por isso, entreguei-lhe um mapa. Ele seguiu-o, mas como eu sabia que ao chegar às estrelas não iria conseguir encontrar-te, disse-lhe para estar atento, irias bocejar e conseguiria ouvir-te. Espero que estejas a ler esta carta, isso provaria que o Falcão conseguiu cumprir o nosso *murmurinho* e chegar a ti.

Espero que esta minha despedida seja um “até já”.

Um ramo apertado para ti!
Carvalho-sedoso

P.S.: Se possível, presenteia o Falcão com um enorme arco-íris.



Um pedido do Mensageiro

Isabel Almeida

Olá, Sol!

Eu sou o Eucalipto, mas sou mais conhecido como O Mensageiro.

Sol, ouvi as pessoas a *murmurinar* que tinhas desaparecido, e é verdade! Nós aqui na Terra não estamos a conseguir superar o frio. Por favor, majestoso Sol, estende os teus braços até nós! Não conseguimos viver sem ti.

Sem a tua luz é sempre noite, eu e as outras plantas e os animais estamos fartos de dormir. As plantas estão a começar a murchar.

Por favor, Sol, abraça-nos! Precisamos muito do teu calor.

Quinta das Teresinhas, 15 de março de 3025

Esta carta vai ser enviada pela Carriça, que deve ter chegado cheia de cores. Peço desculpa, a Carriça teve de passar pelo arco-íris, para contornar a Lua e a Terra, não havia outra forma de a proteger.

Espero que esta minha carta te convença a voltar.

Um cheirinho para ti,
O Mensageiro

P.S.: Por favor, ilumina-nos em breve! Sabes que sou resistente ao frio, mas há seres vivos em grande sofrimento por teres desaparecido.



O pinheiro e o falcão

João Saraiva

Lisboa, 27 de abril de 3123

Querido Sol,

Eu sou um Pinheiro da Quinta das Teresinhas. Queria enviar-te uma carta, mas não consigo chegar a ti, por isso, fui pedir ajuda ao Falcão. O dia estava nublado, ele demorou a aparecer mas, passado algum tempo, surgiu a voar como só ele sabe fazer. Então comecei a escrever-te a minha carta.

Escrevo para te pedir que regresse à Terra, porque sentimos muito a tua falta. As plantas precisam de ti para crescer, os seres humanos e os animais necessitam da tua presença para sobreviver. Tu saberás o quanto és importante para nós? A Terra fica sem luz e sem brilho quando estás ausente.

Depois de *murmurinhar* a minha carta, dei-a ao falcão para ele ta entregar.

Espero que regresse rápido porque a Terra necessita muito de ti. Adeus, Sol! Aparece, és sempre bem-vindo!

Um arco-íris para ti do teu amigo
Pinheiro



Um pedido importante

José Santos

Lisboa, 16 de março de 2025

Querido Sol,

Espero que esta carta te encontre a iluminar outros planetas do Sistema Solar.

Quem te escreve é o Sobreiro, uma árvore que decidiu pedir o teu retorno, em nome de todos. Queria saber por onde andas. Nós, as plantas, precisamos de ti para crescer e viver melhor.

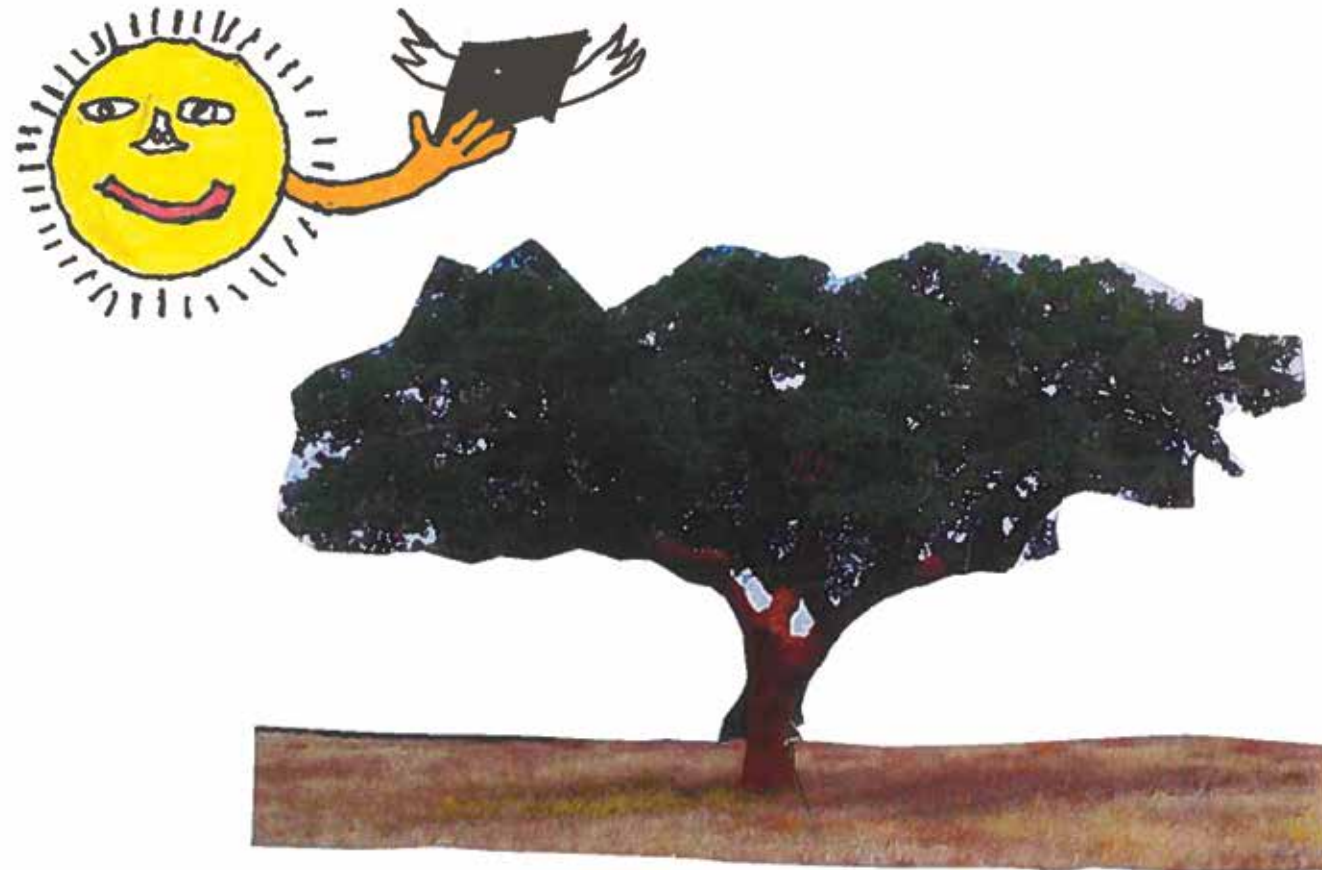
Hoje o dia está muito chuvoso. Seria tão bom se aparecesses e, junto com a chuva, fizesses um arco-íris.

Não sei se me irás atender, se quiserás aparecer aqui, mas todos os animais e plantas gostariam.

Pedi ao Melro para te entregar esta carta, pois também as aves estão em perigo. Quando a receberes, espero que aceites este convite e espero, acima de tudo, que estejas bem.

Ficarei a aguardar a tua resposta com muita expectativa. Desejo-te um suave *murmurinho*, e até breve.

Uma bolota luminosa para ti,
Sobreiro



O Sol regressará?

Laura Marques

Meu estimado Sol,

Provavelmente não me conheces. Bem, sou a Congossa e vivo na Quinta das Teresinhas. Acredito que também te devas estar a perguntar o porquê desta carta. Sabes, tens andado a faltar ao dia e isso não deixa que eu e os outros seres vivos da Terra tenhamos luz, calor... Embora andemos há anos a ter vários problemas com o aquecimento global, precisamos de luz e calor!

Ouve bem, já há *murmurinhos* de que não voltarás, até já contrataram outra estrela para assumir o teu lugar.

Ah, espero que não tenhas estranhado a presença da Toutinegra, fui eu quem a enviou. Como sou uma planta, não posso ir aí ter contigo.

Quinta das Teresinhas, 4 de janeiro de 6827

Pensa assim: se agora retornares, todos os seres te irão tratar muito melhor.

Caso consideres voltar, prometo oferecer-te uma das minhas cinco pétalas. Sabes o quanto são importantes para mim, mas pelo teu regresso não há sacrifício que não faça!

Se puderes voltar, agradecemos.

De um arbusto em súplica,
Congossa

P.S.: Poderias dizer-me a razão pela qual fugiste de nós? Foste para a Terra do Arco-Íris?



A carta do Abrunheiro-dos-jardins

Leonor Pedroso

Lisboa, 19 de março de 2025

Olá, meu querido amigo Sol,

Sou o Abrunheiro-dos-jardins e venho dizer-te que precisamos de ti aqui na Terra porque as pessoas e os animais precisam de nós, as árvores. Sem ti, a vida na Terra está condenada!

Estou a escrever esta carta porque queremos pedir-te que voltes, por favor. Até a Senhora *Murmurinho*, a macaca, quer que regresse; ela não para de guinchar.

Acreditas que aqueles crocodilos malvados, perigosos e feios precisam de ti? Eles também gostam de ti!

Eu pedi ao melro Xavier e à rola Leonor que te entregassem esta minha carta, espero que estejas a lê-la com muita atenção.

A minha mãe também está muito triste contigo, sente muito a tua ausência.

Adeus, meu querido amigo.

Um ramo de flores coloridas para ti.
Abrunheiro-dos-jardins

P.S.: O melro Xavier e a rola Leonor foram ter contigo ao fim do arco-íris, junto ao pote de ouro, porque sabíamos que estarias aí.



Ainda há esperança!

Leonor Silva

Meu querido Sol,

Por favor, vem visitar a Terra! Quem te escreve é a Oliveira. Pedi ao Melro que voasse até aí para te levar esta carta.

Sem ti, ninguém consegue sobreviver: as plantas, sem a luz do sol, não conseguirão manter-se vivas muitos mais dias.

Sem oxigénio, não haverá nenhuma criatura que resista.

Peço-te ajuda, precisamos de ti, Sol!

Os melros, os falcões, as gaivotas-de-asa-escura, os periquitos... todos! Todos estão a pedir ajuda, querem muito que voltes. Já morreram muitas plantas e os animais estão a ficar sem comida. Também queremos ver o arco-íris, há muito tempo que não vemos o céu colorido.

Lisboa, 11 de dezembro de 2014

Os animais não param de dizer *murmurinhos*:

– *Precisamos de ti, Sol!*

– *Estamos todos à espera!*

– *Por favor, vem à Terra!*

– *Sol, iremos morrer sem comida!...*

Como vês, todos imploramos! Nós só temos um frio gelado a acompanhar-nos!

Sem a tua ajuda, não conseguiremos manter a vida na Terra.

Por favor, vem!

Um ramo esperançoso,
Oliveira



Uma viagem ao Sol

Lourenço Santos

Querido Sol,

Espero que esteja tudo bem contigo. Para que saibas quem a ti se dirige, vou apresentar-me: sou o Jacarandá, uma árvore que vive na Quinta das Teresinhas, no Colégio Valsassina.

Espero que o Gaió te encontre de perfeita saúde. Eu treinei-o para fazer o caminho da Terra ao centro do Sistema Solar.

Estou a escrever-te esta carta porque na Terra já não há luz, há pouco oxigénio e as flores também precisam de ti, tal como eu. Aqui está muito frio!

O Gaió fez uma grande viagem pelo Universo para te alcançar, passou por Mercúrio e Vénus, provavelmente demorou muitas horas.

Lisboa, 25 de abril de 2050

Por favor, reconhece o seu esforço e regressa. Devolve-nos a tua luz, o teu calor. Adorei o último arco-íris que vi no céu, foi ótimo! Não tinha ninguém ao lado e *murmurinei* como se tivesse.

Adeus, Sol! Espero em breve sentir o teu calor!

Do teu florido
Jacarandá

P.S.: O carvalho, o sobreiro, o pinheiro, o espinheiro, a oliveira, o plátano, a congossa, a bétula... e tantas outras plantas aqui da Quinta chamam por ti! Assim como todas as aves amigas também imploram para que voltes.



Uma carta importante

Madalena Santos

Querido Sol,

Eu sou o Abeto, uma árvore que vive na Quinta das Teresinhas e que está muito preocupada! No domingo passado tu não apareceste e na minha cabeça ouvi uma voz que me disse que tu não irias voltar!

Assim, quero pedir-te que retournes! É que já nem posso ouvir o *murmurinho*!

Eu preciso que me ajudes a crescer e também quero que todas as plantas cresçam! E os humanos? Eles iriam morrer de frio se resolvesse não mais nos visitar! A Lua, provavelmente, iria faltar-se de trabalhar por dois! E o arco-íris já não iria aparecer sem ti!

Temos ainda outro problema, aqui na Terra os seres humanos estão desesperados com a tua ausência.

Então, se o Pisco-de-peito-ruivo apareceu junto

Lisboa, 31 de junho de 3001

de ti, não estranhes! Como sabes, ele fez uma grande viagem até aí com esta carta, vai chegar cansado do caminho, trata-o bem.

Quero pedir-te, mais uma vez, que voltes com o teu maravilhoso brilho! Por favor, ouve o pedido dos seres da Terra!

Porque é que desapareceste? Sol, eu gostaria que me respondesses.

A tua resposta poderá ser o teu calor de regresso à Terra.

Uma pinha carinhosa,
Abeto

P.S.: Todos sentem a tua falta e o frio instala-se também no coração de todos!



O desaparecimento do Sol

Maria Alvim

Querido Sol,

Sou uma árvore, a *Árvore-orquídea*. Vivo na Quinta das Teresinhas. Como não posso sair da minha casa, pedi à Felosa-comum que te entregasse esta carta, pelo caminho do arco-íris.

No domingo passado, tu não apareceste. A fauna e a flora não ficaram muito satisfeitas.

O sobreiro não conseguiu fazer sombra e nenhum pássaro chegou perto dele. Houve *murmurinhos* sobre a tua ausência: sem ti, ele não era nada. Acreditas que houve animais que não saíram das tocas porque estavam tristes?

Por favor, volta. Os teus raios são brilhantes, bonitos e fazem-nos muita falta. Provavelmente não vou

Lisboa, 22 de fevereiro de 1999

ser o único ser vivo a escrever-te uma carta. Sem ti as nuvens carregadas não irão aguentar e a chuva irá apoderar-se das nossas terras, será o nosso fim!

Ah, quase me esquecia de te dizer, as pessoas também têm estado tristes. Estão a precisar de ti para ir à praia, ao parque, à rua... são mais felizes quando estás por perto.

Desculpa, mas vou ter de te pedir outra vez:

Por favor, volta para a Terra!

Se o fizeres... Muito obrigada!

Com desejo de uma vida eterna para ti,
Árvore-orquídea



Sol, volte para a Terra!

Maria Pala

Lisboa, 16 de março de 2025

Olá, Senhor Sol!

Eu sou a Tília. Envio-lhe esta carta pelo meu amigo Santiago, o periquito.

Com a sua ausência aqui na Terra, nós, as árvores, todas as plantas e muitos mais elementos da natureza não estamos a conseguir crescer, pois só temos andado a sentir a água da chuva.

Eu, Tília, e todos os seres vivos pretendemos que o Senhor Sol volte aqui para a Terra, pois já estamos fartos de ouvir o *murmurinho* da chuva, precisamos da sua luz e dos seus raios UV.

Por favor, precisamos que volte para a Terra. Se puder voltar, agradecemos muito. Se quiser, traga a chuva consigo e ofereça-nos um arco-íris, esse fenómeno magnífico.

A sua amiga
Tília



A carta urgente

Mariana Rodrigues

Lisboa, 30 de junho de 1980

Estimado Sol,

Espero que esta minha carta o encontre bem radioso.

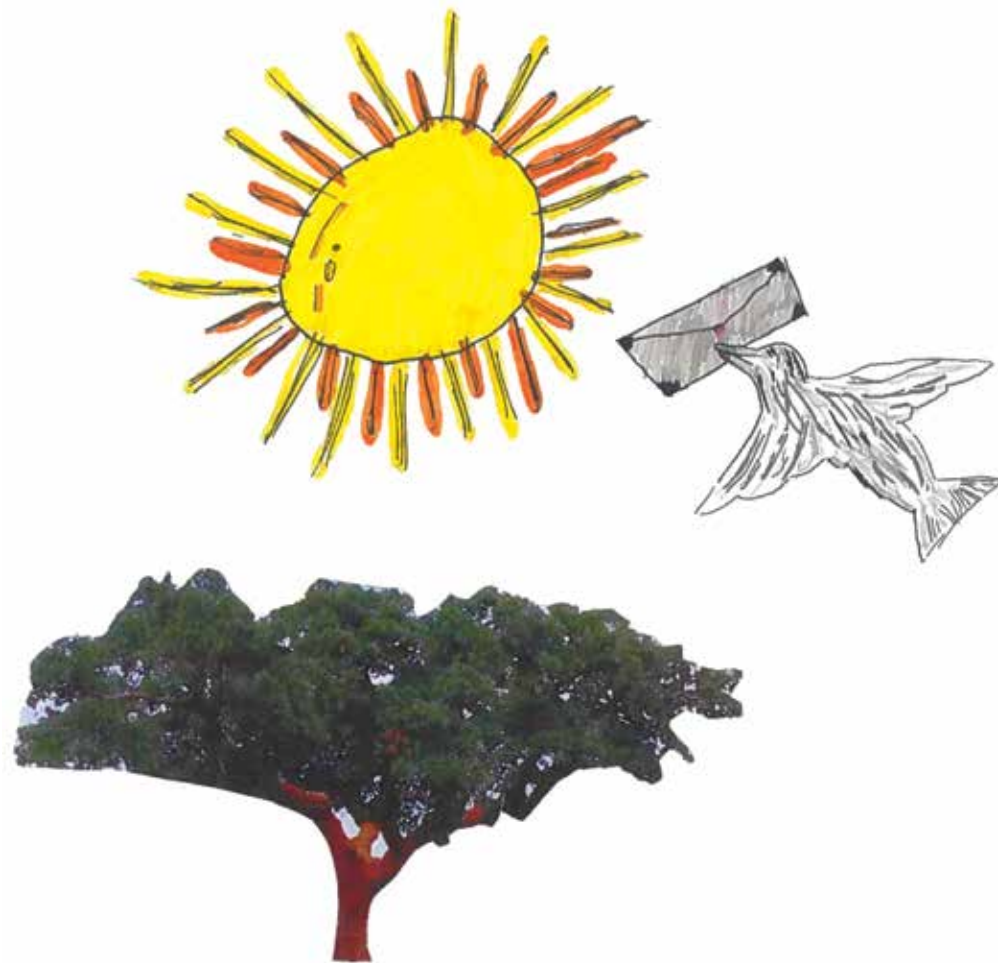
Eu sou o Sobreiro e aqui na Quinta das Teresinhas ouve-se cada *murmurinho* sobre si e o seu desaparecimento...

Eu pedi à Toutinegra para lhe entregar esta carta porque estamos com um problema. O Senhor Sol já não aparece há algum tempo e todas as plantas, principalmente as plantas que estão em crescimento, precisam de sol, tal como precisam de água. Sem sol não podemos crescer, nem dar frutos.

Espero que volte rapidamente, porque estamos a precisar de si! A chuva está a começar a afogar as nossas raízes. Só o Sol, com os seus raios maravilhosos, poderá mandar embora a chuva.

Um abraço para si,
Sobreiro

P.S.: As plantas e os animais estão ansiosos para que o Senhor Sol reapareça. Querem muito ver novamente o arco-íris.



Esperança no regresso do Sol

Miguel Guedes

Lisboa, 4 de maio de 2025

Olá, querido Sol!

Escreve-te a tua amiga Oliveira. Preciso da tua ajuda! Eu e os meus amigos estamos doentes e a piorar dia após dia. Alguns já morreram, outros tantos irão morrer, caso resolves nunca mais nos visitar. Estamos tristes, cansados do *murmurinho* da chuva.

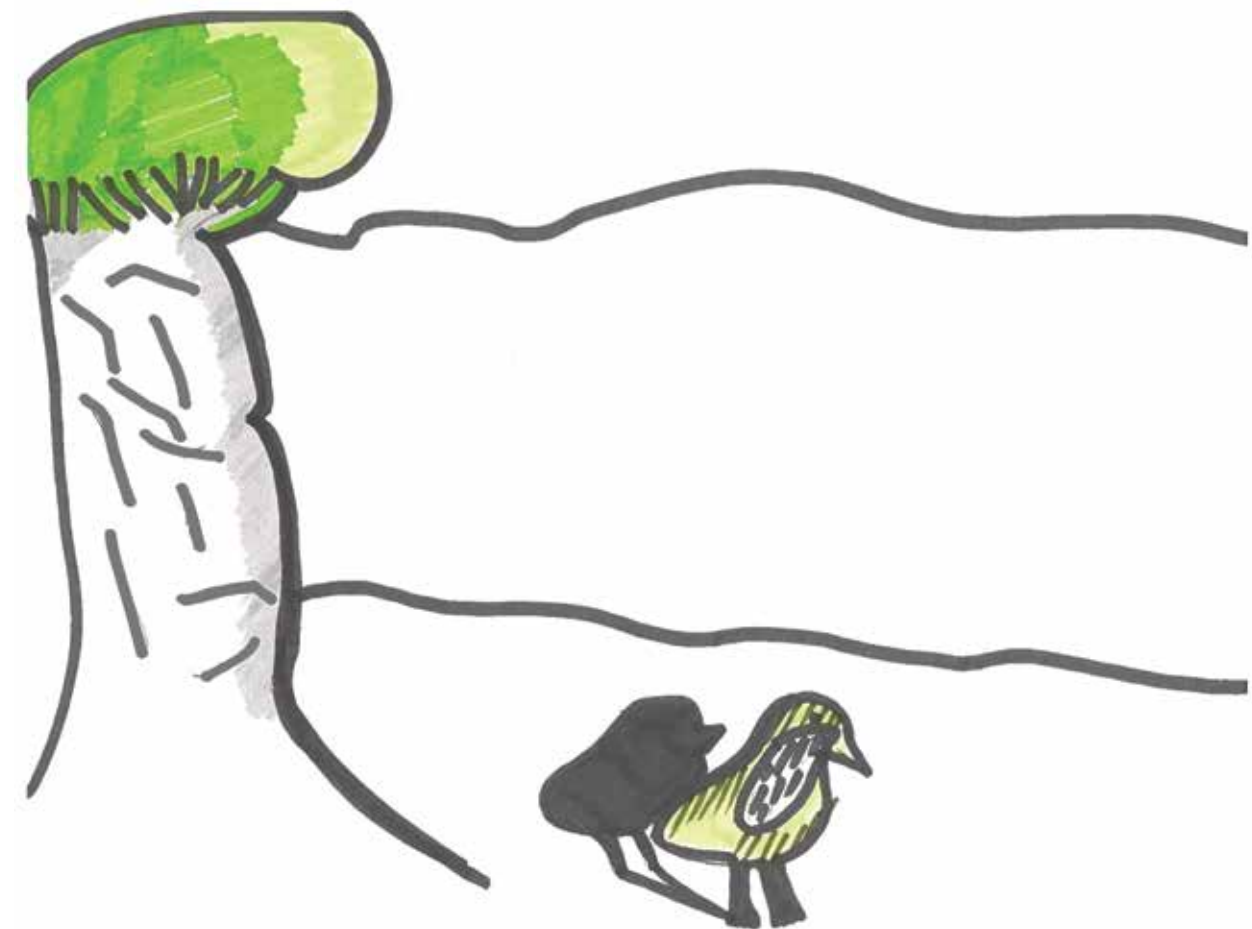
Querido Sol, por favor, aparece!

Nós já nem temos frutos, e os animais também estão a adoecer!

Espero que regresse e nos tragas um bonito arco-íris. Tudo depende de ti, Sol.

Espero que o Pombo-doméstico te tenha entregado este meu pedido e que consideres voltar para a Terra.

Da tua amiga que te aguarda,
Oliveira



O Sol desapareceu!

Nayla Pinto

Lisboa, 28 de março de 2030

Queridíssimo Sol,

Eu sou o Pinheiro, não estranhes que o Periquito vá até aí a dar cambalhotas num *skate* voador. Enviei esta carta para te pedir que voltes, aqui está uma confusão!

As flores já não estão brilhantes, falta-lhes a tua luz; o arco-íris já não aparece, só a chuva, mas esta também está cansada de chorar e, mesmo quando ela não está, o céu está sempre cinzento.

Os animais quase não saem das suas casas!

Vi também que os periquitos estão a falar bem baixinho, parecem aqueles bichos que trocam *murmurinhos*.

Aqui há várias árvores a reclamar, como a oliveira, o carvalho, o sobreiro... e também as aves como a gaiivota, o melro, o pardal... Então, quero pedir-te que voltes. Todos nós estamos preocupados contigo.

Envio um abraço amigo,
Pinheiro



A viagem ao Sol

Noa López

Querido Sol,

Sou o Plátano. Eu e as outras árvores, plantas e todas as aves estamos a ficar desesperados! Sem ti, não temos luz, oxigénio, nem arco-íris!

Enviei-te esta carta num *murmurinho*, espero que tenha chegado a ti num instante. Pedi ajuda ao Falcão; como é uma ave rápida, tenho esperança de que tenha conseguido cumprir a missão a que se propôs.

Sabemos que chegar até ti é complicado, por isso o Falcão levou um companheiro, o Periquito. Este terá precisado de utilizar um foguetão para te alcançar. Com a rapidez do Falcão e com a ajuda do foguetão que anda mais rápido do que um piscar de olhos, eles chegaram até ti com esta carta, tenho a certeza

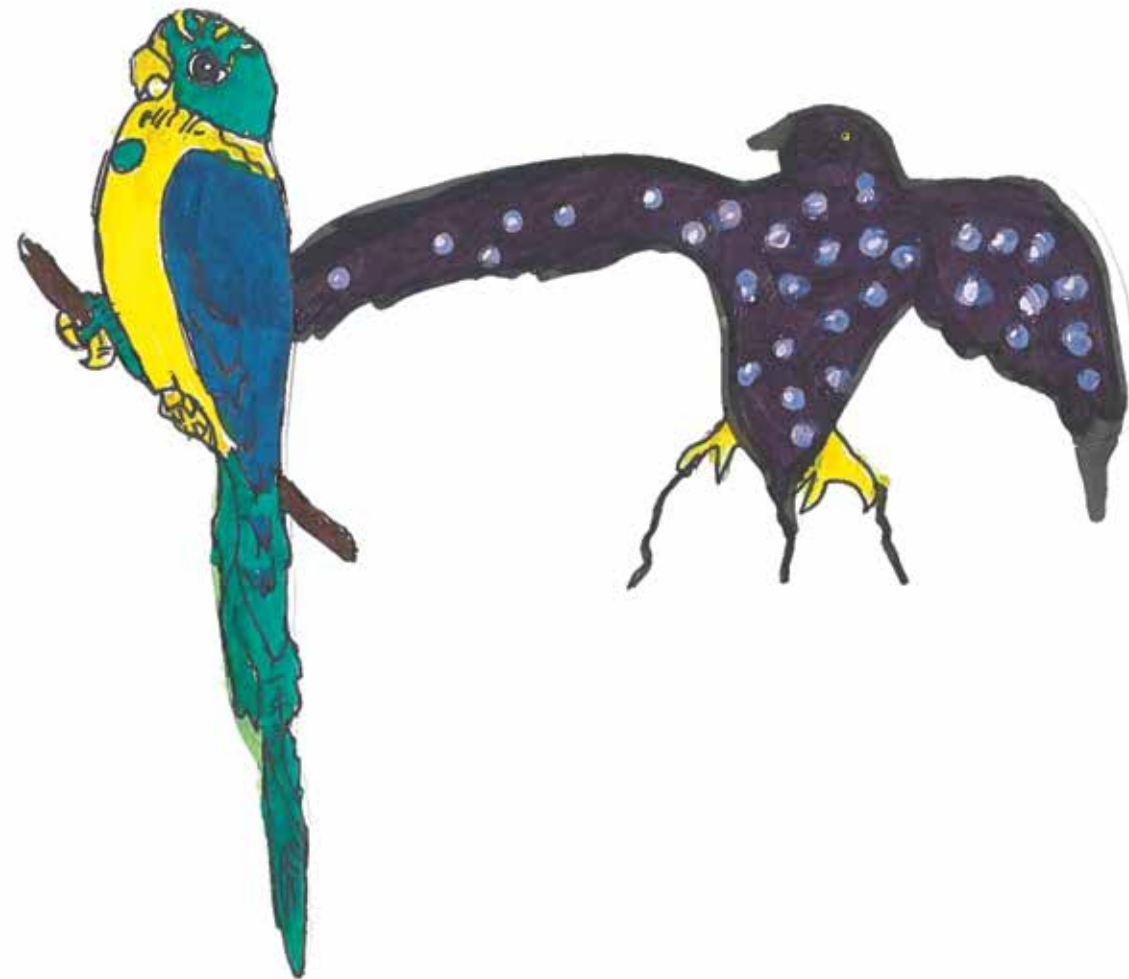
Lisboa, 6 de abril de 2025

Espero que, ao leres estas minhas palavras, concordes com a ideia de voltar a brilhar na Terra, ficaremos muito agradecidos.

Não conseguimos continuar a viver sem ti! Assim, o que eu pretendo, de forma simplificada, é que voltes para a Terra e nos salves, por favor.

Obrigado, Sol, por atenderes a este meu pedido.

Um abraço do teu amigo
Plátano



Quero ver o arco-íris

Rita Condessa

Lisboa, 24 de setembro de 1939

Meu querido Sol,

Sou a Bétula, estou ainda vestida de verde e vivo na Quinta das Teresinhas.

Estou com saudades tuas; ainda para mais, estamos em guerra. Acreditas que o mundo vive uma Segunda Guerra Mundial e há muito tempo que já não vejo o lindo arco-íris, esse maravilhoso espetáculo que tu e a chuva fazem juntos? Bem, até há flores que já estão a morrer sem ti. Pois é, a vida está difícil, está muito mais frio, os humanos já não podem ir para a praia, para a piscina...

Bem, tu sabes que eu não tenho pernas, por isso, pedi ao Periquito para te entregar esta carta. Deves estar a perguntar-lhe porque é que demorou tanto tempo. O Periquito vai até ti com a ajuda dos nossos *murmurinhos* e este é um processo que demora o seu tempo.

Agora que acho que esta carta já te chegou, espero que estas minhas palavras te recordem o quão importantes todos somos, principalmente tu, Sol!

Da tua amiga
Bétula

P.S.: Quando voltares, não te esqueças de combinar com a chuva e virem juntos, quero ver novamente o arco-íris lindo!



Um pedido ao Sol

Sofia Rodrigues

Querido Sol,

Espero que os teus raios estejam brilhantes.

Sou o Alecrim, o orvalho do mar, como diziam os romanos.

Quando foste embora, tudo na Terra escureceu. Quero que saibas que ouvi dizer por um amigo, o Periquito, que todos os seres estão a desaparecer. Aqui na Quinta das Teresinhas o *murmurinho* aumentou. Precisamos de ti, pois és quem nos ilumina, sem ti não damos flor nem fruto...

Brilhavas tanto e os teus raios eram tão luminosos! És muito especial! E o que disse não é tudo: com a tua ausência, a temperatura baixou e está muito frio.

Quinta das Teresinhas, 31 de dezembro de 2999

Pedi ao meu amigo mais fiel, o Periquito, para te entregar esta carta. As crianças só querem ver o arco-íris, mas já nem sequer o desenham, contou-me a Rola.

Não é só por mim, mas por todo o mundo.

Por favor, volta, majestoso Sol, dá-nos a tua luz e o teu calor.

Verdes abraços,
Alecrim

P.S.: Peço-te que recebas bem o Periquito, pois ele está, certamente, muito cansado da viagem.



Precisamos de si

Sofia Aguiar

Quinta das Teresinhas, 31 de janeiro de 2030

Querido Sol,

Sou a Congossa, um arbusto. Não posso sair da Quinta das Teresinhas, a minha casa.

A Terra está muito escura sem si. Envio-lhe esta carta pelo *Murmurinho*, o pombo-doméstico que é o pombo-correio desta zona. Ele vai passar pelo arco central, depois pelas nuvens amarelas, logo a seguir pela vila do céu, e chegará então a sua casa. Deve chegar muito rapidamente.

Agradeço que volte, a vida não é a mesma sem si. As árvores estão a ficar sem forças. Precisamos de si rapidamente!

Sol, todos aqui querem tê-lo de volta. Quando é que regressa? Estes dias andam escuros e tristes. Volte para nós!

Precisamos de si! A Terra está a congelar, queremos calor! Sem si, a Terra tal como a conhecemos irá acabar.

Muito obrigada por me ler,
Congossa

P.S.: Não se esqueça de dizer à chuva para juntos fazerem um lindo arco-íris!



Uma tentativa esperançosa

Sofia Silva

Lisboa, 19 de janeiro de 3004

Querido Sol,

Chamo-me Olaia e tenho estado muito, mesmo muito triste. Nós, árvores e aves, sentimos a tua falta, estás a fazer mal à Terra. Acredito que não seja tua intenção magoar-nos, mas não temos a tua luz, o teu calor e, por isso, estás a fazer com que nos sintamos mal.

Sol, perguntei ao meu amigo Falcão se te poderia levar esta carta; primeiro disse que não, porque seria difícil. Os trovões e os relâmpagos que se fazem sentir aqui na Terra são assustadores. Como é corajoso, acabou por aceitar, pois já não vemos um arco-íris há muito tempo.

Bem, todos nós queremos que tu voltes. Precisamos muito de ti para as plantas crescerem e para nós voltarmos a produzir oxigénio.

Espero que voltes! Ainda mais agora, que é inverno.

Um murmurinho para ti!
Olaia



Uma longa viagem

Tomás Ferreira

Olá, Sol,

Como está?

Eu, Glicínia, ando com uns *murmurinhos* no pensamento, e gostava de lhe fazer uma pergunta. Porque é que deixou de dar luz à cidade?

Pela ausência de luz na cidade, em especial na Quinta das Teresinhas, tenho de estar aqui com uma lanterna a escrever-lhe esta carta.

Muitas pessoas estão a magoar-se porque não têm luz para verem por onde andam. Por favor, dê luz à cidade outra vez! Dê luz ao nosso planeta!

Lisboa, 19 de março de 6000

Espero que não se tenha assustado com o pombo-doméstico que lhe entregou esta carta. Por favor, envie a sua resposta, ponha a sua carta no bico dele.

Deve estar a estranhar como é que esse pombo aí chegou. Eu dei-lhe um fato especial com oxigénio, que o protege do calor. Esse fato tem também foguetes controlados por mim, que lhe dão muito impulso e velocidade, para o caso de ele se cansar.

Até breve!

Da sua amiga
Glicínia

P.S.: Quando voltar, combine com a chuva para fazerem um arco-íris.



O mistério do Sol

Valentina Ribeiro

Lisboa, 5 de maio de 6067

Olá, querido Sol,

Eu, a Oliveira, assim como todos os seres vivos, temos acordado e não te vemos. Está tudo bem contigo?

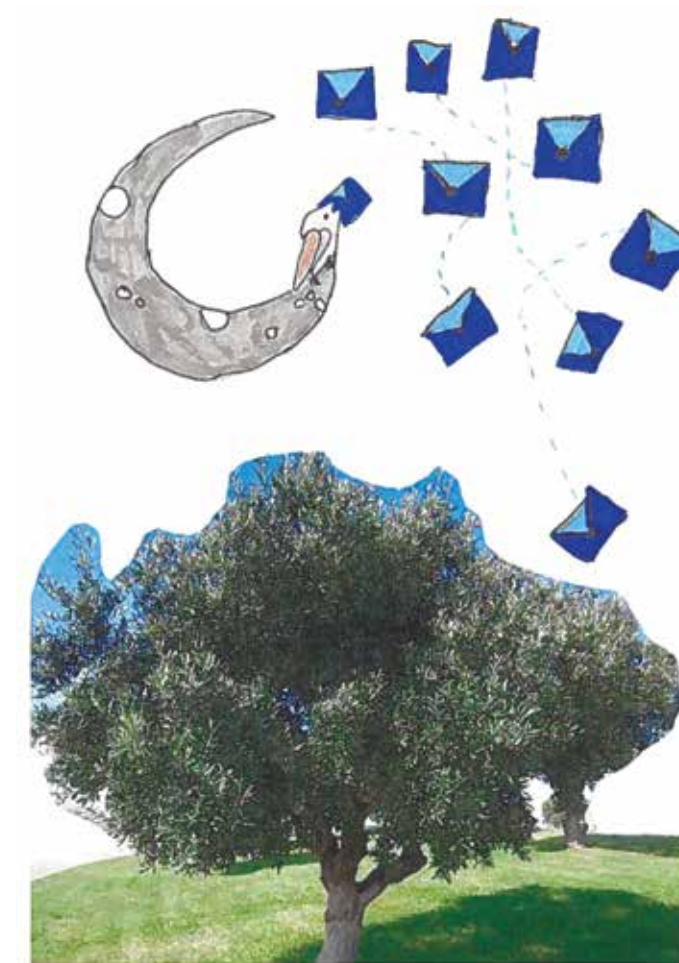
No primeiro dia, não estranhei a tua ausência, mas os dias foram passando e começo a ficar preocupada.

Fazes-nos muita falta, sem ti há múltiplas coisas que podem acontecer. Eu, que sou uma árvore, sem ti posso murchar e não ter frutos! Como sou uma planta e não te posso entregar esta carta, pedi à minha amiga Rola para ta entregar. Ela disse: "Sim, oh que *murmurinho!*" É um pouco tonta, mas muito divertida e amigável.

A Rola disse-me que iria aproveitar a viagem e passar na Lua para pôr a bandeira do primeiro pássaro a pisá-la, e só depois te levaria a carta. Espero que tenha conseguido. Estou preocupada contigo!

Sol, quando leres esta carta vem rápido. Tens uma infinidade de cidadãos, plantas e elementos a precisar de ti.

Raminhos para ti,
Oliveira



Precisamos muito do Sol

Xavier Enes

Lisboa, 7 de julho de 2070

Caro Sol,

Espero que te encontres bem. Aqui quem te escreve é o Pinheiro-silvestre.

Na Terra, estamos a sofrer sem ti. Se não vieres depressa, a vida aqui vai acabar e a Terra vai ser um planeta sem vida.

Nós gostávamos que voltasses, haveria um arco-íris de felicidade.

Precisamos de ti: tu aqueces o nosso planeta, dás vida às plantas e nós damos oxigénio aos humanos e aos animais. Ah! Que *murmurinho!* Adoramos ter-te cá. Adoramos o pôr do sol que nos dás.

Tu, Sol, és uma das coisas mais lindas que a Terra já viu!

Esta minha carta viajou com o astronauta Pisco-de-peito-ruivo, porque é uma das muitas aves que comigo vivem aqui na Quinta das Teresinhas e também quis ajudar. Se puderes, aquece-lhe as penas, por favor.

Cumprimentos,
Pinheiro-silvestre



Ficha Técnica

Diretor: João Gomes

Professoras responsáveis pela supervisão dos trabalhos dos/as alunos/as: Ana Paula Ferreira, Carla Caldeira e Rita Simões

Revisão: Luís Lucas

Autores dos textos: Alunos/as das turmas do 4.º Ano A, 4.º Ano B e 4.º Ano C (2024/2025)

Professora responsável pela supervisão das ilustrações: Mafalda Simas

Autores das ilustrações: Alunos/as das turmas do 4.º Ano A, 4.º Ano B e 4.º Ano C (2024/2025) e alunas Rita Castilho, Manuela Cardoso e Maria Leonor Dias (5.º ano, 2025/2026)

Imagem da capa: Amélia Franco (4.º A, 2024/2025)

Paginação e Impressão: idg – Imagem Digital Gráfica

Propriedade: Colégio Valsassina

Editor: Colégio Valsassina

Edição: dezembro 2025

ISBN: 978-989-35164-2-3



 Largo Frederico Valsassina, 1959-010 Lisboa

 21 831 09 00

 www.cvalsassina.pt